

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CAMPUS LITORAL NORTE
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO – CIÊNCIAS DA NATUREZA

HUANZA PACHECO DE AYDOS

**AS PRÁTICAS ECOLÓGICAS DA COOPERATIVA MISTA DE AGRICULTORES
FAMILIARES DE ITATI, TERRA DE AREIA E TRÊS FORQUILHAS (COOMAFITT)**

Tramandaí
2020

HUANZA PACHECO DE AYDOS

**AS PRÁTICAS ECOLÓGICAS DA COOPERATIVA MISTA DE AGRICULTORES
FAMILIARES DE ITATI, TERRA DE AREIA E TRÊS FORQUILHAS (COOMAFITT)**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do título
de licenciatura em Educação do Campo –
Ciências da Natureza na Universidade
Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Jonas José Seminotti

Tramandaí

2020

CIP - Catalogação na Publicação

Aydos, Huanza Pacheco de
AS PRÁTICAS ECOLÓGICAS DA COOPERATIVA MISTA DE
AGRICULTORES FAMILIARES DE ITATI, TERRA DE AREIA E
TRÊS FORQUILHAS (COOMAFITT) / Huanza Pacheco de
Aydos. -- 2020.
69 f.
Orientador: Jonas José Seminotti.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Campus
Litoral Norte, Licenciatura em Educação do Campo,
Tramandaí, BR-RS, 2020.

1. Agroecologia. 2. Agricultura Familiar. 3.
Produção Orgânica. 4. Cooperativismo. I. Seminotti,
Jonas José, orient. II. Título.

HUANZA PACHECO DE AYDOS

**AS PRÁTICAS ECOLÓGICAS DA COOPERATIVA MISTA DE AGRICULTORES
FAMILIARES DE ITATI, TERRA DE AREIA E TRÊS FORQUILHAS (COOMAFITT)**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do título
de licenciatura em Educação do Campo –
Ciências da Natureza na Universidade
Federal do Rio Grande do Sul.

Data de aprovação: (dia, mês e ano)

Banca examinadora

Prof. Dr. Jonas José Seminotti - Orientador

Prof. Dr. Jairo Alfredo Bolter – Examinador 1

Prof. Dra. Karen Cavalcanti Tauceda – Examinador 2

DEDICATÓRIA

Aos agricultores, agricultoras, suas famílias e simpatizantes das práticas agroecológicas. Seres humanos com valores alinhados com os princípios e propósitos das leis da natureza, que escolhem dedicar suas vidas preservando o meio ambiente e os antigos costumes, cuidando do futuro desta e das próximas gerações.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente aos meus pais, meus maiores exemplos e incentivadores para seguir lendo e estudando. Conscientes da sorte e da importância de se ter uma família unida e alinhada nos valores de simplicidade, bem-estar e cumplicidade.

Ao meu pai, por mais breve que tenha sido nosso encontro, me preparou para viver uma vida pensada na contemplação da felicidade. Sempre me motivando a continuar raciocinando, lembrando dos princípios da meritocracia e da razão de seguir sendo um eterno aprendiz. Meu porto seguro mesmo que em pensamento.

A minha mãe, que desde pequena me ensinou a contemplar o belo, ser humilde, respeitar o próximo e a natureza igualmente. Meu exemplo de mulher, força, empatia, bondade e felicidade na solidão, sempre com um bom livro em mãos. Parceria que fica melhor a cada ano e que faz transbordar o coração de amor e admiração pelas pessoas que estamos nos tornando.

A mim mesma, porque não? Por ter me mantido consciente em todos esses anos, nos momentos bons e nos nem tanto. Firme no propósito de conhecer e saber mais, permitindo valorizar e aguçar o ato de ouvir minha intuição. Permanecendo somente onde me sinto bem, valorizada, útil e desafiada a seguir me auto lapidando.

Por último mas não menos importante, ao meu orientador Prof. Jonas, por acreditar no potencial de desenvolvimento desta pesquisa, aos dirigentes e agricultores da COOMAFITT pelo carinho, empenho e disponibilidade, além de todo o grupo de professores e colegas presentes nos últimos quatro anos de estudos. Grata pela alegria de partilhar os cafés da manhã, almoços e lanches da tarde em companhia, tornando este tempo de convívio único e fazendo das diferenças um aprendizado diário. Meu muito obrigada!

“O homem é a natureza adquirindo consciência de si próprio”

Elisée Reclus

RESUMO

Esta pesquisa se propõe a entender as práticas ecológicas realizadas através do modelo de cooperativismo desenvolvido pela COOMAFITT (Cooperativa Mista de Agricultores Familiares de Itati, Terra de Areia e Três Forquilhas). Através da pesquisa descritiva e exploratória, de natureza metodológica qualitativa, foi realizado um estudo de caso, por meio da coleta e análise de materiais e aplicação de questionário junto aos agricultores e representantes da cooperativa. Foram respondidas as questões sobre a concepção de cooperativismo e agroecologia; a formação e qualificação em agroecologia; o trabalho da assistência técnica; os processos de comercialização de alimentos orgânicos; e as políticas públicas agroecológicas exercidas pela COOMAFITT. Tendo o histórico da agricultura mundial através do olhar sobre a Revolução Industrial, o Pós-Guerra, a Revolução Verde e a adoção do sistema capitalista, foi possível entender que regenerar a natureza, e adotar novas práticas sustentáveis é imprescindível. A COOMAFITT mostra um caminho a ser seguido, a favor do desenvolvimento rural, da produção ecológica e do cooperativismo na agricultura familiar.

Palavras-chave: agricultura familiar; agroecologia; cooperativismo; produção orgânica.

ABSTRACT

This research aims to understand the ecological practices carried out through the cooperative model developed by COOMAFITT (Mixed Cooperative of Family Farmers from Itati, Terra de Areia and Três Forquilhas), which idealizes long-term sustainability. Through descriptive and exploratory research, of qualitative methodological nature, a case study was carried out, through the collection and analysis of materials and the application of a questionnaire to farmers and representatives of the association. Questions about the concept of cooperativism and agroecology were answered; training and qualification in agroecology; technical assistance work; the processes of commercialization of organic foods; and agroecological public policies exercised by COOMAFITT. Having the history of world agriculture through looking at the Industrial Revolution, the Post-War, the Green Revolution and the adoption of the capitalist system, it was possible to understand that regenerating nature, and adopting new sustainable practices is essential. COOMAFITT shows a path to be followed, in favor of rural development, ecological production and cooperativism in family farm.

Keywords: family farm; agroecology; cooperativism; organic;

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Reunião dos jovens agricultores na administração da COOMAFITT.....	47
Figura 2 – Agricultor em meio as bananeiras da sua propriedade.....	48
Figura 3 – Família segue a tradição no campo.....	49
Figura 4 – Família de agricultores unida na plantação e colheita de cenouras.....	51
Figura 5 – Caminhão que auxilia no transporte dos alimentos da COOMAFITT.....	52
Figura 6 – Sede da COOMAFITT e carro da cooperativa.....	53
Figura 7 – Agricultores da Família Justin.....	68
Figura 8 – Agricultores da Família Witt.....	68
Figura 9 – Agricultoras e Agricultores da Família Jacoby.....	69

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

COOMAFITT	Cooperativa Mista de Agricultores Familiares de Itati, Terra de Areia e Três Forquilhas
PNAE	Programa Nacional de Alimentação Escolar
PAA	Programa de Aquisição de Alimentos
ONGs	Organizações Não Governamentais
OPAC	Organismo Participativo de Avaliação da Conformidade
EMATER	Associação Riograndense de Assistência Técnica e Extensão Rural
PRONAF	Programa Nacional de Apoio a Agricultura Familiar
RedeCoop	Associação da Rede de Cooperativas da Agricultura Familiar e Economia Solidária
ONU	Organização das Nações Unidas
MDA	Ministério do Desenvolvimento Agrário

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
1.1 Tema.....	14
1.2 Problema de pesquisa.....	14
1.3 Justificativa.....	15
1.4 Objetivos geral e específicos.....	16
2. REVISÃO DE LITERATURA	16
2.1 Cooperativismo agrícola: esfera pública, participação e sustentabilidade.....	17
2.2 Agrofloresta como ferramenta de autonomia: a percepção do agricultor familiar de base ecológica.....	20
2.3 Agrobiodiversidade e agroindústria familiar rural: espaços de diálogo sobre os produtos da agricultura familiar no Litoral Norte do Rio Grande do Sul.....	22
2.4. A produção ecológica de arroz nos assentamentos da região metropolitana de Porto Alegre: territórios de resistência ativa e emancipação.....	25
2.5 Cooperativismo Rural em Itati: modelo de gestão e desenvolvimento rural.....	27
3. METODOLOGIA DE PESQUISA	30
3.1 Instrumento de coleta de dados.....	33
4. RESULTADOS: análise e interpretação	37
4.1 Concepção de cooperativismo e de ecologia desenvolvidos pela COOMAFITT.....	46
4.2 Trabalho de formação e qualificação sobre ecologia junto aos associados.....	49
4.3 Trabalho da assistência técnica (às práticas ecológicas quanto a produção) e as atividades produzidas.....	51
4.4 Processo de comercialização de alimentos orgânicos.....	52
4.5 Políticas públicas agroecológicas trabalhadas pela COOMAFITT.....	53
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	57
7. APÊNDICE	60

1. INTRODUÇÃO

Tendo em vista a expansão da procura pela qualidade de vida, podemos observar que o mercado de alimentos orgânicos acompanha esta linha crescente e se desenvolve como uma concreta alternativa para um futuro mais sustentável para todos. Através do estudo de caso sobre as práticas ecológicas desenvolvidas pela Cooperativa Mista de Agricultores Familiares de Itati, Terra de Areia e Três Forquilhas (COOMAFITT), esta pesquisa se fundamenta nos princípios da agroecologia, da agricultura familiar, do cooperativismo e da produção orgânica, para evidenciar um modelo que vem funcionando de forma positiva tanto para consumidores, como para os agricultores do Litoral Norte do Estado.

1.1 Tema

As práticas ecológicas da Cooperativa Mista de Agricultores Familiares de Itati, Terra de Areia e Três Forquilhas (COOMAFITT).

1.2 Problema de Pesquisa

Buscamos conhecer um pouco sobre as práticas ecológicas da Cooperativa Mista de Agricultores Familiares de Itati, Terra de Areia e Três Forquilhas (COOMAFITT), para posteriormente entender como é o trabalho realizado de forma cooperativa, a favor do meio ambiente. Nesta perspectiva, o problema de pesquisa e a questão central deste estudo é: Quais práticas ecológicas são desenvolvidas pela Cooperativa Mista de Agricultores Familiares de Itati, Terra de Areia e Três Forquilhas?

O que nos remete a refletir sobre o processo de desenvolvimento capitalista, que provocou profundas transformações no mundo do trabalho, no modo de produção e nas relações socioculturais. De modo especial, a agricultura familiar sofreu as consequências deste conjunto de mudanças e vem buscando construir alternativas sustentáveis para manter o agricultor no meio rural produzindo alimentos saudáveis e relações sociais baseadas na solidariedade. Apoiados em Marx, afirmamos que cooperação é “a forma de

trabalho em que muitos trabalham planejadamente lado a lado, no mesmo processo de produção ou em processos de produção diferentes, mas conexos” (MARX, 1988, p. 246).

1.3 Justificativa

De uma forma mais pessoal, durante o percurso de quatro anos de estudos na licenciatura em Educação do Campo, com ênfase em Ciências da Natureza, esta autora vem acumulando pesquisas na área da alimentação saudável, produção de orgânicos, ética alimentar, qualidade de vida e assuntos relacionados a agroecologia. Surfista e vegetariana há mais de dez anos, carrega consigo a preocupação e o interesse na conscientização a respeito dos valores e cenários do meio ambiente que estarão disponíveis para esta, e as futuras gerações.

Em relação ao meio acadêmico, entendemos que o curso de licenciatura em Educação do Campo, com ênfase na interdisciplinaridade, dialoga perfeitamente com os conceitos de ecologia e cooperativismo na agricultura familiar. A Educação do Campo se fundamenta pela sustentabilidade, tanto dos recursos naturais como pelo modo de vida dos agricultores e a relação com a educação popular e os conhecimentos que passam gerações entre os povos do campo. Este estudo também torna-se extremamente relevante, tendo em vista que é o primeiro sobre a COOMAFITT realizado no Campus Litoral Norte.

Entende-se que os professores responsáveis por formular o Projeto Pedagógico do curso no Campus Litoral Norte, consideram a COOMAFITT como um ambiente rico e propício para a construção de saberes da Educação do Campo. Em outubro de 2019, a turma A (2016/2) da Educampo, realizou uma saída de campo direcionada a sede da cooperativa, possibilitando conhecer pessoalmente alguns representantes da associação e um pouco do trabalho que os colaboradores realizam por lá – que visa o desenvolvimento sustentável e socioeconômico das famílias de agricultores da região, por intermédio da cooperação, do desenvolvimento da agroecologia e da valorização dos sujeitos do campo.

Além de ser um tema emergente no contexto da agricultura familiar e no âmbito da segurança alimentar, a ecologia aborda questões que incorporam caráter social, político, cultural, energético, ambiental e ético, que merecem ser

disseminados. No social, entram questões relacionadas ao cooperativismo na agricultura familiar, agroecologia e os sistemas de produção. Atualmente é considerado um tema emergente e a pesquisa visa contribuir para aprimorar e divulgar novas práticas.

1.4 Objetivo Geral

Compreender quais práticas ecológicas são realizadas através do modelo de cooperativismo desenvolvido pela Cooperativa Mista de Agricultores Familiares de Itati, Terra de Areia e Três Forquilhas.

Objetivos Específicos

- a) Entender a concepção de cooperativismo e de ecologia desenvolvidos pela COOMAFITT;
- b) Compreender como é o trabalho de formação e qualificação sobre ecologia junto aos associados;
- c) Identificar como é o trabalho da assistência técnica (às práticas ecológicas quanto a produção) e as atividades produzidas;
- d) Conhecer o processo de comercialização de alimentos orgânicos;
- e) Identificar as políticas públicas trabalhadas pela COOMAFITT;

2. REVISÃO DE LITERATURA

Dialogando com pesquisas já realizadas que se aproximam do tema aqui proposto – as práticas ecológicas da Cooperativa Mista de Agricultores Familiares de Itati, Terra de Areia e Três Forquilhas – as obras a seguir expostas tem como base o repositório de pesquisa digital do Lume da UFRGS e abrangem os filtros relacionados a cooperativismo, agricultura familiar, políticas públicas, autonomia, agroecologia, segurança e consciência alimentar, produção ecológica, desenvolvimento rural e sustentabilidade. Na sequência de autores como Binda (2014), Cardoso (2012), Luz (2012), Martins (2017) e Santos (2017), discorreremos entre seus objetivos, metodologias e resultados alcançados para enriquecer com informações fundamentadas esta pesquisa.

2.1 Cooperativismo agrícola: esfera pública, participação e sustentabilidade

O objetivo geral que orienta a tese de Binda (2014), é analisar a sustentabilidade do cooperativismo agrícola nas dimensões social, econômica e ambiental vinculada à participação dos agricultores na esfera pública, observando os discursos e as práticas de associados e de agentes externos implicados no desenvolvimento sustentável (BINDA, 2014, p. 29).

Entre os objetivos específicos, o primeiro foi investigar os principais discursos e ações práticas dos associados e dos agentes externos na esfera pública cooperativa, relacionados à sustentabilidade nas dimensões social, econômica e ambiental das cooperativas agrícolas. O segundo, averiguar a estrutura organizacional das cooperativas agrícolas e seus mecanismos de participação nos processos administrativos e decisórios internos. O terceiro, analisar a participação dos homens, das mulheres e dos jovens na esfera pública cooperativa e a implicação no processo sucessório nas propriedades rurais. O quarto, assinalar a participação externa dos associados e dirigentes das cooperativas agrícolas na esfera pública da sociedade civil. O quinto, apontar as contribuições da inovação tecnológica para a sustentabilidade social, econômica e ambiental das cooperativas agrícolas. E o sexto, identificar as expectativas dos associados em relação ao cooperativismo e à agricultura (BINDA, 2014, p. 29).

Para Binda (2014), a elaboração desta tese inclui-se no contexto de carência de estudos acadêmicos focados na sustentabilidade relacionada à participação na esfera pública. Nessa relação, as cooperativas agrícolas manifestam-se como esferas públicas, por meio do agir comunicativo de seus associados, diretores e agentes externos. A análise dessas manifestações revelaram variações da sustentabilidade nas dimensões social, econômica e ambiental (BINDA, 2014, p. 30).

De acordo com o resumo de Binda (2014), a pesquisa ancorou-se na metodologia qualitativa, seguindo o método interpretativo de ações dos atores sociais. O procedimento metodológico consistiu em captar dados empíricos por meio da técnica de entrevistas e da análise documental. Testando duas hipóteses: uma, de que a sustentabilidade social, econômica e ambiental do cooperativismo agrícola está relacionada à participação dos agricultores

associados na esfera pública, e a outra deu conta de que a racionalidade ambiental é determinante para a realização de ações comunicativas na esfera pública cooperativa, repercutindo nas práticas agrícolas sustentáveis dos agricultores familiares.

Binda (2014) afirma que a racionalidade ambiental tornou-se determinante para o equilíbrio de investimentos nas dimensões social, econômica e ambiental, bem como as políticas públicas e os programas governamentais e de Estado. Os quais, na pesquisa de Binda (2014), revelaram-se fundamentais para o desenvolvimento sustentável do cooperativismo agrícola no contexto da Agricultura Familiar no estado do Rio Grande do Sul.

O estudo problematizou a sustentabilidade em cooperativas agrícolas relacionada à participação na esfera pública como uma forma de democracia (BOBBIO, 1997). A participação constitui um indicador da variabilidade das práticas sustentáveis. Os diversos níveis de participação revelam diferentes indicativos para diminuir os problemas sociais, econômicos e ambientais no espaço rural. Em nível global, a ONU (Organização das Nações Unidas) orienta os chefes das nações para conter os crescentes problemas ambientais em várias partes do planeta, embora nem todas as nações signatárias realizem satisfatoriamente suas ações. Em nível local, o agir comunicativo em diferentes esferas públicas diminuem os efeitos negativos da ação instrumental técnica de empresas mercantis ainda resistentes a deliberar ações de contenção dos problemas ambientais neste início do século XXI (BINDA, 2014, p. 28).

O procedimento metodológico utilizado no desenvolvimento deste estudo procurou ser coerente com o referencial teórico do agir comunicativo orientado pelo entendimento, de Habermas (2012; 2012a), em diálogo com a abordagem teórica da racionalidade ambiental, a partir da epistemologia ambiental de Enrique Leff (2010b). Com esses aportes teóricos, foi possível construir a proposta explicativa da sustentabilidade vinculada à participação na esfera pública, observando as práticas e os discursos de atores sociais engajados no cooperativismo agrícola. Conforme a orientação metodológica construída por Bourdieu,

não é a descrição das atitudes, opiniões e aspirações individuais que tem a possibilidade de proporcionar o princípio explicativo do funcionamento de uma organização, mas, a apreensão da lógica

objetiva da organização é que conduz ao princípio capaz de explicar as atitudes, opiniões e aspirações (BOURDIEU, 1999, p. 29).

Binda (2014) conclui que as cooperativas agrícolas proporcionaram resultados econômicos positivos aos seus associados em economia de escala no Rio Grande do Sul, gerando impostos ao Estado e a inclusão social de inúmeros agricultores. Conforme assinala Krauze (2011), a autonomia financeira, a liquidez e a capitalização interna constituem fatores positivos de desempenho global em cooperativas agropecuárias (BINDA, 2014, p. 63).

Para Binda (2014), a pesquisa demonstrou que o mercado ou a comercialização de produtos foi a principal motivação para a associação dos agricultores a uma cooperativa agrícola. A situação de déficit de mercado constituía-se entrave para a viabilidade econômica dos agricultores, logo, para a sua sustentabilidade social no espaço rural. Os agricultores perceberam as cooperativas agrícolas, tanto as grandes quanto as pequenas, bem como as convencionais e as ecológicas, uma esfera pública de participação, de debate e de ações que iam além da dimensão econômica, com as quais poderiam contar para resolver determinados problemas (BINDA, 2014, p. 237).

As iniciativas da racionalidade ambiental fortalecem as distinções entre o crescimento econômico e o desenvolvimento sustentável, demonstrando os limites do crescimento econômico e a necessidade de investimentos equilibrados em diversas dimensões, especialmente na social, na econômica e na ambiental, a fim de alcançar a sustentabilidade pela lógica da preservação produtiva da natureza (BINDA, 2014, p. 242).

Binda (2014) conclui seus pensamentos afirmando que a natureza tem suas forças, mas tem também seus limites, cujos fenômenos estão além da capacidade humana de querer enclausurá-los nas frágeis certezas científicas ou conceituais do pensamento humano moderno:

como solução sustentável aos problemas globais e locais, escutar cientificamente tais fenômenos, respeitando as leis da natureza, ainda é o caminho mais seguro para desenvolver concomitantemente ações produtivas e conservacionistas no espaço rural, para esta e para as futuras gerações (BINDA, 2014, p. 242).

2.2 Agrofloresta como ferramenta de autonomia: a percepção do agricultor familiar de base ecológica

Este estudo colabora para a pesquisa que está em andamento, sobre as práticas ecológicas, pois aborda os desdobramentos e o avanço efetivo da aprendizagem, e da técnica, sobre o potencial de aplicação das ferramentas da agricultura de base ecológica, conjugando reais interesses entre as interfaces de produção de alimentos, conservação da biodiversidade e recursos naturais, revela o importante papel que desempenha a agricultura familiar neste contexto de gestão.

O objetivo da pesquisa foi compreender a percepção de agricultores de base ecológica sobre a função do sistema agroflorestal na busca de autonomia. Como objetivos específicos: 1. Compreender como se estabelece o sistema decisório de uso da terra, no caso da agricultura familiar de base ecológica e, especialmente o processo de destinar parcelas de modo permanente na propriedade a uma prática relativamente nova de produção. 2. Verificar a existência de pontos comuns na lógica diretiva das ações dos agricultores estudados, considerando as diversas peculiaridades e as distintas vocações regionais, intencionalmente abordadas. 3. Caracterizar as funções dos SAF's (Sistemas Agroflorestais) na agricultura de base ecológica no Rio Grande do Sul (CARDOSO, 2012, p. 16).

Para Cardoso (2012), o conceito de agricultura familiar aqui refere-se às unidades produtivas agrícolas que não ultrapassam 50 hectares na região sul do país, sendo em geral propriedades herdadas de antecessores imigrantes e que são totalmente geridas por mão de obra familiar, também caracterizadas pela organização econômica que constitui cerca de 80% de sua renda a partir da unidade produtiva. Esta interpretação delimita a abrangência de análise e sobretudo, está profundamente vinculada ao que culturalmente na região sul contextualiza a agricultura familiar (CARDOSO, 2012, p. 18).

Este estudo se dedicou a analisar qualitativamente uma amostra formal, previamente definida por uma série de critérios que serão expostos mais adiante, de um determinado número de agricultores de base ecológica a fim de examinar a percepção destes atores sobre uma de suas práticas, a agrofloresta (CARDOSO, 2012, p. 33). Cardoso (2012) buscou relacionar, a despeito das diferentes regiões de origem destes atores, as impressões, opiniões e variáveis

do ambiente operacional que estimulam o sensorial, ou seja os elementos do ambiente que são tocados, vistos, ouvidos, provados, etc., e portanto estimulam os sentidos e também a memória, que media a interação através do sensorial, constituindo uma das bases de interação humana com o ambiente (EVIA; GUDYNIAS, 1991).

Eu observei mais a beira da mata que eu vi que era diferente, porque as bergamoteiras que estavam na beira do mato ou dentro e produziam muito, porque tinha muita matéria orgânica da mata e, tinha sombreamento. A fruta mais bonita, a laranja comum, tu pode perguntar pros antigos, ela tava dentro do mato, tu colhia frutas boas. Limpava um pouco ao redor e botava as mudas, elas chegavam a produzir vinte, trinta cachos de bergamota mas, tinha uma alternância de produção, um ano ela produzia muito mais e, outro ano ela produzia menos, isso é natural. Por isso, eu acredito que nós também temos muitas doenças que a gente forçou, queria produzir, produzir o máximo todo ano, colocando insumo e implante químico e isso começou a dar um desequilíbrio, fazer da árvore uma máquina e, ela não é máquina, que nem nós: se tivesse que trabalhar 24 horas todos os dias, será que ela não quer descansar um pouco, buscar energia... Querer produzir o máximo –isso custa caro, o problema maior não é o custo financeiro, mas são as doenças, porque ela precisa buscar a própria resistência. De outro lado, o custo de tudo, toda energia, de tratar doenças, de levar insumos, de máquinas e coisas, isso não vale a pena, compensa produzir ‘um pouco menos’. Inácio Rohr, dez/2011. (CARDOSO, 2012, p. 55).

Cardoso (2012) demonstra igualmente preocupação com a preservação dos recursos naturais, o impacto da ação humana em uma das atividades que mais alteram o ambiente terrestre, a agricultura. “uma abordagem ética na questão do uso da terra, na medida em que aumenta o capital natural, bem como a autonomia e gestão consciente dos recursos em nível local”, conseqüentemente, contribuindo para o avanço dos processos de desenvolvimento rural sustentável (CARDOSO, 2012, p.7).

Segundo Cardoso (2012), foi possível entender que o coletivo garante o individual em pequenos núcleos, revela a forma viável para pessoas com as mesmas opções e, em se tratando de agricultura familiar, atenua as variações de produção provocadas por fatores climáticos ou outros, o que regulariza o consumidor, a oferta permanente, fechando a cadeia econômica em um ciclo curto, de benefício mútuo (CARDOSO, 2012, p. 50).

O associativismo os fortalece enquanto categoria e também facilita a interação com organizações de acessoria que fornecem subsídios de

informação e apoio técnico; de certo modo, este processo conduziu e instrumentalizou a todos os agricultores estudados tanto na transição agroecológica quanto na a apropriação das ferramentas conceituais e práticas de desenho e manejo que hoje figuram como plenamente viáveis nos processos de produção agroecológicos experienciados em suas áreas (CARDOSO, 2012, p. 52).

Cardoso (2012) conclui que de fato, a presença e a atuação das redes sócio-técnicas são os grandes responsáveis pela conversão destes módulos de agricultura familiar em direção à sustentabilidade como processo, na medida em que propôs um trabalho orientado, organizando a partir da base da cadeia produtiva, passando pela oferta de tecnologias apropriadas, aperfeiçoamento pessoal dos agricultores através do contato com outras realidades, de intensa formação política e articulação social em grupos locais organizados e, por fim do estabelecimento de canais justos e seguros de comercialização (CARDOSO, 2012, p. 52).

2.3 Agrobiodiversidade e agroindústria familiar rural: espaços de diálogo sobre os produtos da agricultura familiar no Litoral Norte do Rio Grande do Sul

Este trabalho tem como objetivo geral analisar como diferentes atores sociais atuantes no Litoral Norte do Rio Grande do Sul estão criando espaços de diálogo para viabilizar a produção de alimentos provenientes da agrobiodiversidade. Este objetivo geral contempla as prioridades desta pesquisa, que são: apontar as organizações que estão tratando desse tema no Litoral Norte, as relações entre essas organizações, o processo de diálogo que estão criando e o que está sendo debatido neste contexto.

O objetivo geral foi desmembrado em outros três objetivos, a partir dos quais foi possível esmiuçar em detalhes o que a pesquisa pretende abordar em cada um de seus capítulos. Os objetivos específicos foram: a) realizar um mapeamento das organizações envolvidas nos espaços de diálogo sobre os produtos da agrobiodiversidade; b) registrar e observar os momentos de encontro entre os diferentes atores sociais, analisando as propostas, questões e debates em pauta, identificando como contribuem para a construção do

espaço de diálogo; c) analisar os desdobramentos das discussões nesses espaços de diálogo em contextos locais específicos, as agroindústrias familiares rurais.

A presente pesquisa trata-se de um estudo qualitativo, pois examina em profundidade e em extensão as qualidades de um fenômeno, permitindo ao pesquisador identificar e compreender dimensões subjetivas da ação humana (BRUMER et al., 2008). Em relação ao método de investigação, apresenta as ferramentas metodológicas do método etnográfico e biográfico. O primeiro compreende uma convivência prolongada do pesquisador junto ao grupo social a ser estudado (ROCHA; ECKERT, 2008).

Em relação ao método biográfico, a história de vida é um instrumento metodológico que procura explicar a trama de relações nas quais os indivíduos estão posicionados e apreender aspectos de seu contexto social (COTANDA et al., 2008). De acordo com esses autores, a história de vida privilegia o depoimento de pessoas para estudar acontecimentos históricos, instituições e grupos sociais, através de entrevistas. Nesse trabalho a história de vida está relacionada ao conceito de storylines proposto por Stuver (2008).

Luz (2012) afirma que foram realizadas entrevistas com roteiro semi-estruturado e entrevistas com roteiro não-estruturado. No roteiro semi-estruturado não há perguntas pontuais, apenas dimensões que demandam do entrevistado uma resposta mais narrativa. A entrevista com roteiro não-estruturado permite ao entrevistado responder ao entrevistador a partir de sua própria estrutura de referência, ou seja, ele julgará quais as dimensões relevantes e explicativas de uma dada situação (COTANDA et al., 2008). Ao apresentar a aprendizagem como participação, no contexto das comunidades de práticas, Wenger (1998) ressalta:

É necessário garantir a possibilidade de um espaço de participação em que a resistência e/ou transformação do que existe seja possível, em que o contributo de outros, para lá dos que já se instituíram como poder, seja não só permitido, mas pertinente. Só assim, é que os diversos membros de uma comunidade reconhecem sentido na sua participação, só assim é que percebem ser valorizado o seu engajamento e se envolvem na constituição e sustentação de um empreendimento conjunto. (WENGER, 1998, p. 83).

No entanto, segundo Luz (2012), ainda que não tenham atingido todas as expectativas, os encontros são vistos pelos seus organizadores como um grande exercício de atuação conjunta e abertura de um possível canal de comunicação. Isto porque, o grande desafio no Litoral Norte seria justamente a interlocução entre todos os parceiros que atuam nesta questão da agricultura familiar na região, a fim de superar, por exemplo, o fato dos produtores receberem orientações contraditórias advindas de diversas fontes no que se refere à produção e comercialização de alimentos (LUZ, 2012, p. 80).

Luz (2012) afirma que os resultados desse diálogo nem sempre são animadores, sendo que, muitas vezes, a troca em si não ocorre, e evidenciam-se relações de poder e interesses distintos. Porém, pode ser considerado enquanto um processo de aprendizagem, o exercício do próprio diálogo, resolução de conflitos e construção de conhecimento, envolvendo diversos atores (técnicos, agricultores) e suas conformações institucionais - extensão rural pública, organizações não governamentais, órgãos do governo, universidade, sindicatos, associações, cooperativas (LUZ, 2012, p. 80).

Por fim, Luz (2012) questiona se o processo de regularização propicia uma maior autonomia aos agricultores, ou se alguns técnicos estariam direcionando a maior parte das ações. A rede da agrobiodiversidade, neste sentido, está consolidada, fortalecida por algumas políticas públicas e recursos que financiam os projetos das ONGs, gerando discussões profícuas, apesar do número reduzido de pessoas envolvidas (LUZ, 2012, p. 141).

Segundo Luz (2012), o debate, ainda que não gere tantos resultados práticos, torna pessoas, processos e produtos visíveis aos consumidores e às organizações que têm algum tipo de influência sobre os espaços de comercialização, processamento e manejo da agrobiodiversidade. Se trazer para o debate, muitas vezes pode gerar complicações para esses produtores, do ponto de vista da manutenção das suas práticas, deixá-los esquecidos provavelmente fará com que diminuam em número em pouco tempo, oprimidos pelo sistema agroalimentar de grande escala (LUZ, 2012, p. 142).

2.4 A produção ecológica de arroz nos assentamentos da região metropolitana de Porto Alegre: territórios de resistência ativa e emancipação

A descrição e análise desta experiência, seus limites inseridos nesta pesquisa, tiveram como objetivo compreender o processo de gestão e de geração de conhecimentos implantado a partir do Grupo Gestor do Arroz Ecológico, analisando o grau de cooperação desenvolvido entre as unidades de produção familiar e as unidades cooperativadas (MARTINS, 2017, p. 26). Martins (2017) buscou identificar elementos capazes de avaliar se esta alternativa de desenvolvimento baseada em novos princípios de produção e organização estão gerando processos emancipatórios e configurações territoriais que permitam a resistência social. Desta forma, os sujeitos desta pesquisa são as famílias assentadas, seus dirigentes, cooperativas e técnicos envolvidos com o arroz ecológico (MARTINS, 2017, p. 26).

Martins (2017) ressalta que a pesquisa que gerou esta tese, esta ancorada na pesquisa qualitativa, tendo como método o materialismo histórico dialético, onde se tratou de caracterizar o processo histórico que conformou a experiência do arroz ecológico e sua dinâmica organizativa e suas contradições/limites (MARTINS, 2017, p. 26). Salienta-se que as entrevistas realizadas tiveram por base temas a serem pesquisados, relativos: ao desenvolvimento histórico da experiência; aos aspectos organizativos com ênfase no funcionamento do grupo gestor e sua relação com as cooperativas e com o MST (Movimento Sem Terra), e o funcionamento dos grupos de produção do arroz nos assentamentos; aos aspectos técnico-produtivos e comerciais (MARTINS, 2017, p. 29).

Para a pesquisa de campo, Martins (2017) trabalhou num plano principal com o Grupo Gestor do Arroz Ecológico, em suas reuniões, seminários, encontros, dias de campo, e capacitações técnicas. Como observado no Capítulo 1, o processo organizativo da produção do arroz ecológico conta com um conjunto de cooperativas. Em todos estes espaços além de vivenciar os processos citados, realizou-se entrevistas com as respectivas lideranças, diretores e técnicos, bem como, recolheu-se diversas informações primárias desta experiência (MARTINS, 2017, p. 28).

De acordo com Martins (2017), as relações sociais de produção e as relações técnicas, empreendidas pelas famílias assentadas, na produção do arroz ecológico da região metropolitana de Porto Alegre são incompatíveis com a lógica do agronegócio. O agronegócio não tem como absorvê-la sem se negar. Aqui se expressa a natureza e o conteúdo da resistência ativa das famílias assentadas (MARTINS, 2017, p. 247).

Para Martins (2017), o MST, ao estabelecer uma nova estratégia política para dar conta do novo contexto da luta de classes no campo, expresso pelo novo inimigo, denominado de agronegócio, definiu a Reforma Agrária Popular como seu caminho. Isto implicou na retomada da reflexão sobre a função social dos camponeses assentados, expressa na produção de alimentos de base ecológica e na proteção e recomposição dos recursos da natureza, que são bens comuns da humanidade. Estava maduro para os dirigentes e a militância do MST que estas funções teriam legitimidade junto à sociedade brasileira (MARTINS, 2017, p. 247).

Martins (2017) salienta que, apoiado em experiências agroecológicas de produção de sementes de olerícolas, de arroz ecológico e de diversas experiências locais de produção de hortaliças e frutas ecológicas, o MST Gaúcho definiu os seus eixos de atuação econômico. Este permitiu influir no desenvolvimento político organizativo das famílias assentadas no Rio Grande do Sul, formulando um grande programa de política pública, articulando a produção, distribuição e o consumo, expresso no FUNTERRA e no Plano Camponês, conquistado pela pressão e luta social (MARTINS, 2017, p. 247).

Baseado nas ideias de Martins (2017), o MST, ao influir nas objetivações produtivas das famílias, afirmando alternativas viáveis, permitindo escolhas de caminhos que lhes remetem ao plano humano genérico, afirma na cotidianidade destas famílias uma ética fundando uma individualidade participe do gênero que se reconhece como tal. Isto se manifestou na autoestima das famílias que produzem agroecologicamente (MARTINS, 2017, p. 248).

Martins (2017) reforça o pensamento de que outra importante característica deste conglomerado de cooperação é justamente o controle das ações econômicas e técnico produtivas em todos os elos da cadeia produtiva do arroz ecológico, indo desde a produção de sementes, passando pelos manejos produtivos, pela secagem/armazenagem, pelo beneficiamento, pela

certificação e pela política comercial. Este controle pleno de todos os momentos da produção à distribuição é um dos aspectos que lhe caracteriza como um conglomerado de cooperação (MARTINS, 2017, p. 249).

2.5 Cooperativismo Rural em Itati: modelo de gestão e desenvolvimento rural

Através da leitura desta dissertação, foi possível obter dados específicos sobre o avanço e a valorização da agricultura familiar brasileira. Atualmente sabemos que é ela quem supre a maior parte do que os brasileiros consomem diariamente. Dado este apresentado pelo Portal Brasil, com informações do MDA (Ministério do Desenvolvimento Agrário), onde cerca de 70% dos alimentos consumidos no país são oriundos da produção da agricultura familiar (SANTOS, 2017, p. 15).

A autora, também favorável as facilidades da reunião cooperativista para a atividade de agricultura, cita Sperry (2001) para seu embasamento:

O agricultor familiar, tradicionalmente isolado e carente de recursos para adquirir bens de produção para produzir e comercializar, encontrou essa solução na organização coletiva, por meio da qual alcançou a figura jurídica de que necessitava para ser reconhecido pela sociedade. Ao organizar-se coletivamente [...] tem tornado possível às práticas de compra e venda e que, ao mesmo tempo, favorece o desenvolvimento econômico e social (SPERRY, 2001, p.1).

Santos (2017) ressalta que esta pesquisa visa compreender como se dá o cooperativismo em Itati, focamos na trajetória da COOMAFITT, no qual precisamos buscar suas raízes históricas no fito de entender como a localidade serviu de berço para a instauração do cooperativismo na região. Além disso, precisamos ao adentrar no contexto da realidade local, visualizar como se dá o elo entre as práticas cotidianas de gestão da cooperativa e sua relevância para o desenvolvimento rural, ou seja, quais são os fatores que contribuem para o desenvolvimento rural com vistas a observar a forma de gestão desempenhada (SANTOS, 2017, p. 16).

No que tange aos aspectos metodológicos, esta pesquisa se desenvolveu por meio de um processo de estudo de caso, aplicado no

município de Itatí tendo como abordagem, a pesquisa qualitativa e quantitativa. Segundo Santos (2017), entende-se que em proporções, as pesquisas quantitativas e qualitativas serão igualmente esclarecedoras diante do estudo a ser feito. Para Minayo (2001, p. 22), quando o pesquisador lida com certos aspectos como motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes a pesquisa tende a ser qualitativa. Assim também, a pesquisa quantitativa, por meio de dados numéricos, apresenta uma mensuração das informações contempladas.

Sobre os procedimentos de pesquisa, segundo Santos (2017) na busca de informações foi realizada uma pesquisa de campo, por meio de entrevistas classificadas: 1) entrevistas com três sócios colaboradores, que demonstram como a cooperativa opera em termos de gestão; 2) entrevista com quatro sócios produtores, que trazem a visão do associado; e 3) entrevista com um sócio fundador, que trará mais detalhes do processo histórico da cooperativa (SANTOS, 2017, p. 17).

Santos (2017) julgou necessário que a pesquisa observasse a realidade sob uma ótica exploratória, tendo em vista a elucidação de relacionamento com o desenvolvimento rural. Isto quer dizer, que se buscou explorar a realidade, com a intenção de visualizar seu contexto sob a perspectiva do desenvolvimento ao ponto de caracterizarmos a cooperativa num parâmetro de sucesso. Appolinário (2011, p.75) aduz que a pesquisa ou estudo exploratório tem por objetivo “aumentar a compreensão de um fenômeno ainda pouco conhecido, ou de um problema de pesquisa ainda não perfeitamente delineado” (SANTOS, 2017, p. 17).

Baseado nos problemas vigentes da agricultura moderna e no uso exacerbado de insumos agrícolas desnecessários, Santos (2017) afirma que a agroecologia surge como uma forma de minimizar estas problemáticas, fazendo com que a agricultura possa se desenvolver de forma mais sustentável. Por isso,

[...] a agroecologia é uma ciência [...] como forma de estabelecer uma base teórica para esses diferentes movimentos de agricultura não convencional. É uma ciência que busca o entendimento do funcionamento de agroecossistemas complexos, bem como das diferentes interações presentes nestes, tendo como princípio a conservação e a ampliação da biodiversidade dos sistemas agrícolas como base para produzir auto-regulação e, conseqüentemente, sustentabilidade (ASSIS, 2005, p. 77).

Sendo assim, a agroecologia torna-se uma estratégia para os agricultores, opção produtiva que possibilita alterar os sistemas produtivos para recuperar aquilo que agricultura convencional de alguma forma danificou ou destruiu. A agroecologia contribui, reduzindo a artificialização imposta pelos modelos modernizadores da agricultura, pretendendo contemplar toda a complexidade dos agroecossistemas e desenvolver sistemas agrícolas diversificados, conforme nos lembra Assis (2005, p. 77).

De acordo com Santos (2017): diversos especialistas, debruçados sobre os processos mercadológicos nos dias de hoje, comentam a crescente tendência pelo consumo e produção agrícola destes alimentos. Segundo Ota (apud. DIAS et. al., 2015, p. 161) “a agricultura e o consumo de produtos orgânicos estão em um processo de expansão nos últimos anos e especialistas do setor estão prevendo crescimento de nove por cento ou mais”. Esta, “é uma percepção que ocorre em nível mundial em um mercado que já apresenta índices de crescimento acima de 20% no mundo todo, fazendo com que as atenções se voltem para a demanda deste tipo de produto, bem como para os meios de garantir a distribuição, qualidade e certificação adequada” (STORSTAD; BJORKHAUG, 2003, apud, DIAS et. al., 2015, p. 161).

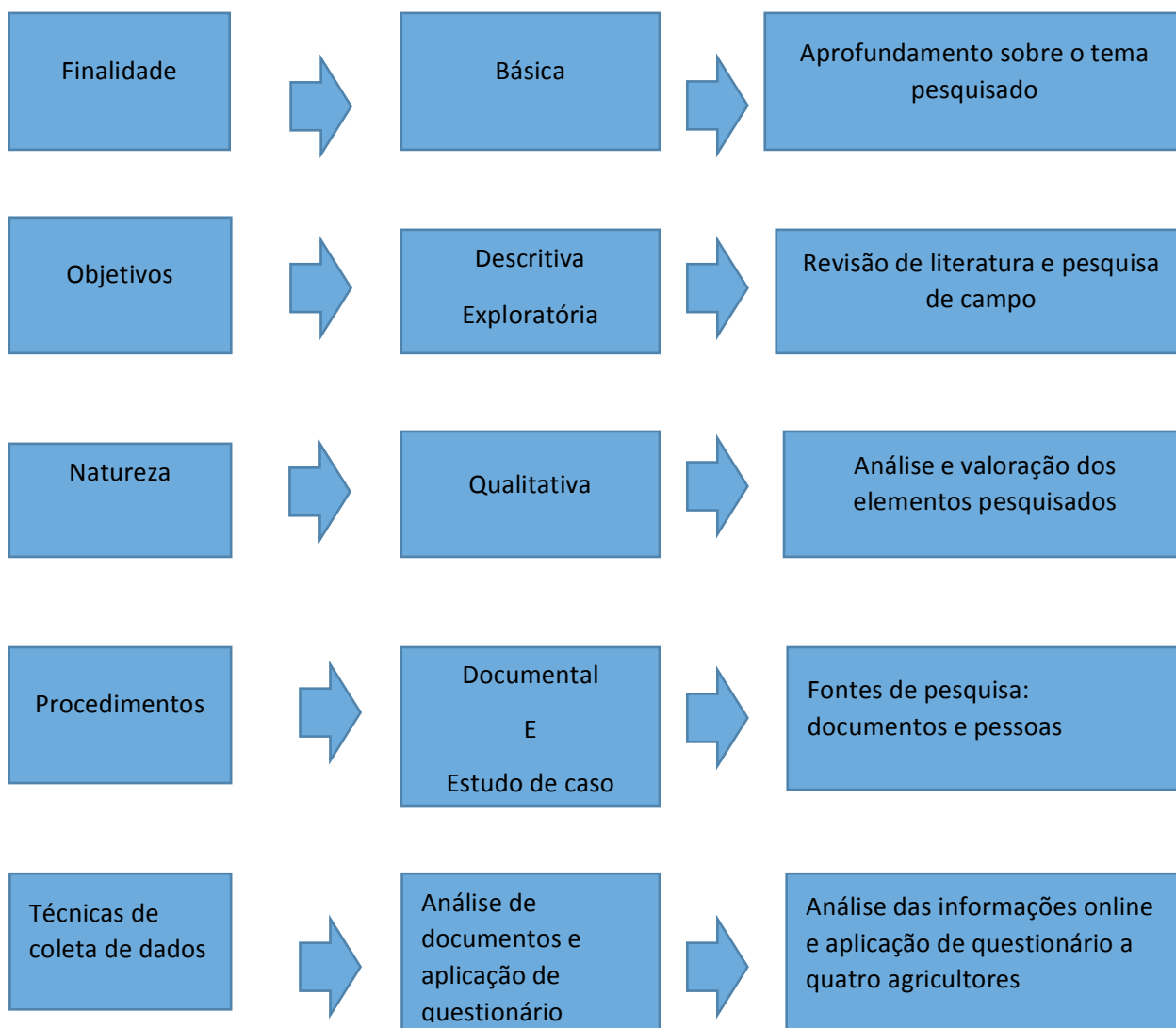
Concluindo a pesquisa, Santos (2017) confirma ver a importância das cooperativas, como forma de organização social, fundadas na cooperação entre seus agentes e ainda sua relevância externa. Outro ponto foi à constatação de que o sistema cooperativo em si é muito vantajoso para a agricultura familiar, pois há uma grande articulação de ações para combater a descapitalização, o êxodo, a exclusão social e ainda promover a autoestima, a qualidade de vida, a fixação nas propriedades, a sucessão, a sustentabilidade econômica e ambiental (SANTOS, 2017, p. 54).

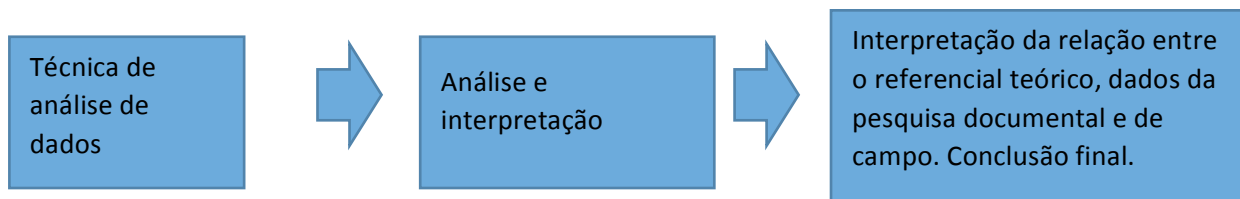
Santos (2017) ressalta que, com ações de preservação junto às estratégias voltadas ao desenvolvimento socioeconômico, a sustentabilidade no meio rural se torna muito mais palpável. Mas todo este processo, em busca do desenvolvimento rural dos associados, só se torna referência, pelo trabalho de gestão da cooperativa, onde ela busca compreender simultaneamente ações internas, que é a cooperação entre os sócios e externamente, de cooperação com outras organizações (intercooperação), alavancando o êxito dos associados e da sua localidade (SANTOS, 2017, p. 55).

3. METODOLOGIA DE PESQUISA

A finalidade básica deste estudo foi de identificar quais práticas ecológicas são exercidas pela COOMAFITT atualmente, fazendo uso do modelo de cooperativismo, que visa a sustentabilidade a longo prazo. Deste modo, realizamos uma pesquisa descritiva, que visa a identificação, registro e análise das características, fatores ou variáveis que se relacionam com o processo. Esse tipo de estratégia pode ser entendida como um estudo de caso onde, após a coleta de dados, é realizada uma análise das relações entre as variáveis para uma posterior determinação do efeitos resultantes em uma empresa, sistema de produção ou produto (Perovano, 2014).

Passos da pesquisa:





Fonte: Quadro elaborado pela autora (Novembro de 2020)

Finalidade: básica

Esta é uma pesquisa básica, pois busca, a partir do problema levantado, responder perguntas para ampliar o conhecimento existente sobre conceitos e práticas ecológicas desenvolvidas na COOMAFITT. Gil (2007), compreende que a pesquisa básica deve ser motivada pela curiosidade e investigação e suas descobertas devem ser divulgadas amplamente, possibilitando a transmissão e o debate sobre o conhecimento construído.

Objetivos: descritiva e exploratória

Quanto aos objetivos da pesquisa, classificamos a mesma como descritiva e exploratória. Descritiva porque estudamos conceitos, características e variáveis das concepções de cooperativismo, ecologia, comercialização e políticas públicas no meio rural. Neste sentido Gil (2007) coloca:

As pesquisas descritivas têm como objetivo a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. São inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e uma das características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados. (GIL, 2007, p. 26).

Exploratória porque realizamos um levantamento bibliográfico e documental – aplicamos um questionário, tendo como procedimento um estudo de caso e uma análise qualitativa. Lüdke e André (2014) esclarecem que os objetivos são cruciais para a pesquisa qualitativa, uma vez que é muito comum as questões iniciais necessitarem de explicitações e reformulações.

Natureza: Qualitativa

A natureza da pesquisa é de cunho qualitativo, por entender que a mesma trabalha com o universo de significados, aspirações, relações e

processos. Weller e Pfaff (2010), entendem que no âmbito da educação, a pesquisa qualitativa é fundamental para abordar aspectos subjetivos nos elementos analisados nos contextos dos estudos desenvolvidos.

Quanto a diferenciação entre as pesquisas quantitativa e qualitativa, Minayo trás a seguinte definição:

A diferença entre qualitativo-quantitativo é de natureza. Enquanto cientistas sociais que trabalham com estatística apreendem dos fenômenos apenas a região 'visível, ecológica, morfológica e concreta', a abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas (MINAYO, 2003, P. 22)

Procedimentos: documental e estudo de caso

Segundo Gil (2007), os procedimentos ou delineamentos da pesquisa referem-se ao planejamento da mesma em sua dimensão mais ampla, envolvendo tanto a sua diagramação quanto a previsão de análise e interpretação dos dados. Também considera o ambiente em que são coletados os dados e as formas de controle das variáveis envolvidas.

Os procedimentos da pesquisa visando a busca de elementos concretos foram a partir da análise documental e do estudo de caso. A pesquisa documental se caracteriza neste caso porque foram analisados materiais que ainda não receberam um tratamento analítico científico, como é o caso das informações contidas no site e nas redes sociais da COOMAFITT. A análise de documentos, de acordo com Lüdke e André (2014), sejam eles pessoais ou não, formais ou informais, é fundamental na abordagem qualitativa, pois, por meio dessa apreciação, é possível identificar informações que podem passar despercebidas nas demais formas de coletas de dados.

Técnica de coleta de dados: Análise de materiais e aplicação do questionário

Foi analisado material de divulgação da cooperativa no site oficial e nas redes sociais. Como técnica utilizada, no estudo de caso, aplicamos um questionário com questões para quatro agricultores e/ou dirigentes da COOMAFITT. A técnica de coleta de dados segundo Lakatos & Marconi (2000, p. 107), "são um conjunto de preceitos ou processos de que se serve uma ciência; são, também, as habilidades para usar esses preceitos ou normas, na

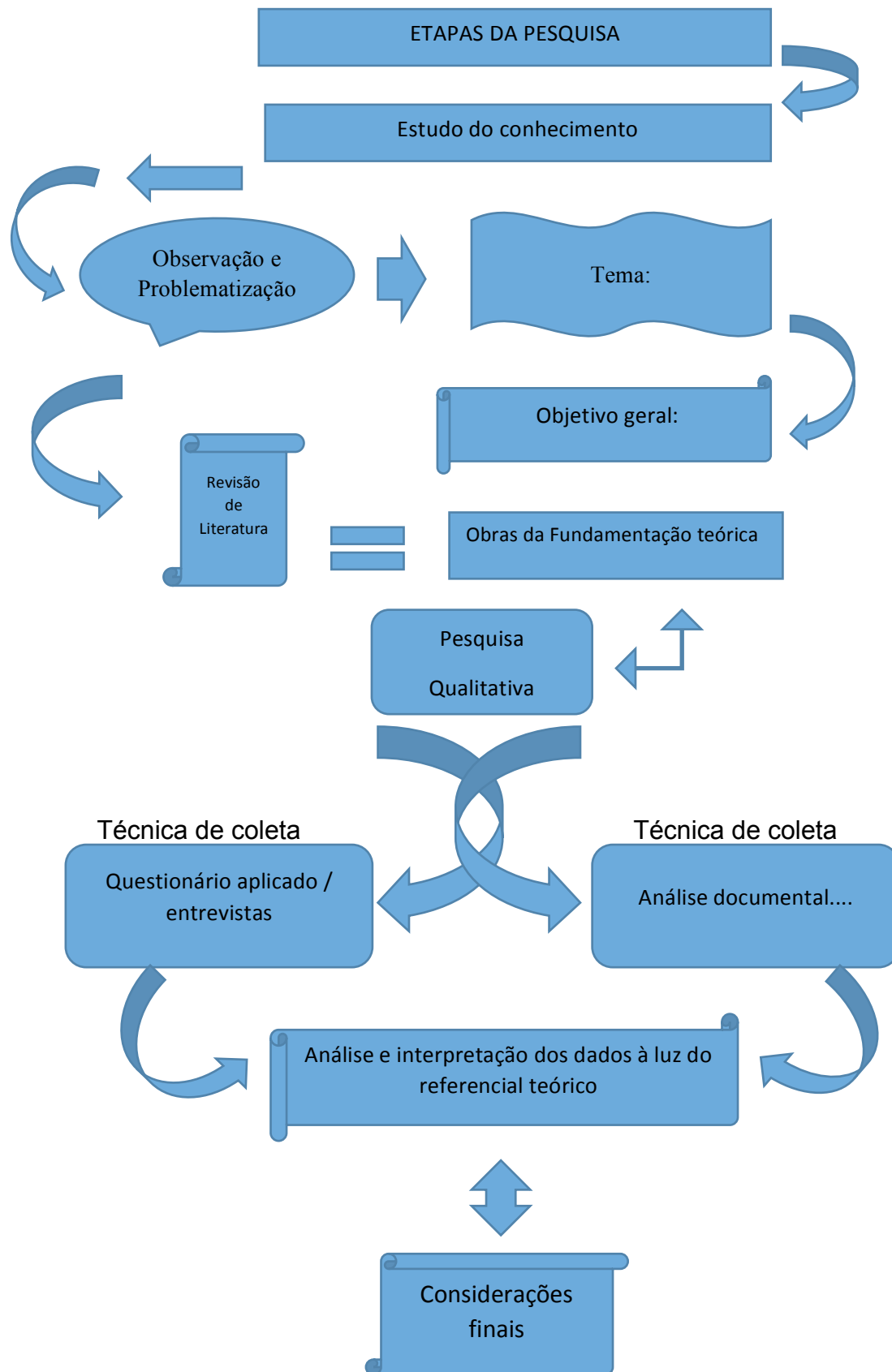
obtenção de seus propósitos”. Correspondem, portanto, à parte prática do conteúdo coletado e observado.

3.1 Instrumento de coleta de dados

Análise de conteúdo: É uma metodologia de tratamento e análise de informações constantes de um documento, sob forma de discursos pronunciados em diferentes linguagens: escritos, orais, imagens, gestos. Um conjunto de técnicas de análise das comunicações. Trata-se de se compreender criticamente o sentido manifesto ou oculto das comunicações. Envolve, portanto, a análise do conteúdo das mensagens, os enunciados dos discursos, a busca do significado das mensagens (SEVERINO, 2010).

As linguagens, a expressão verbal, os enunciados, são vistos como indicadores significativos, indispensáveis para a compreensão dos problemas ligados às práticas humanas e seus componentes psicossociais. As mensagens podem ser verbais (orais ou escritas), gestuais, figurativas, documentais. Sua perspectiva de abordagem se situa na interface da linguística e da psicologia social. Mas enquanto a linguística estuda a língua, o sistema de linguagem, a análise de conteúdo atua sobre a fala, sobre o sintagma. Ela descreve, analisa e interpreta as mensagens/enunciados de todas as formas de discurso, procurando ver o que está por detrás das palavras (SEVERINO, 2010).

Questionário: Conjunto de questões, sistematicamente articuladas, que se destinam a levantar informações escritas por parte dos sujeitos pesquisados, com vistas a conhecer melhor a opinião dos mesmos sobre os assuntos em estudo. As questões devem ser pertinentes ao objeto e claramente formuladas, de modo a serem bem compreendidas pelos sujeitos. As questões devem ser objetivas, de modo a suscitar respostas igualmente objetivas, evitando provocar dúvidas, ambiguidades e respostas lacônicas. Podem ser questões abertas ou fechadas (SEVERINO, 2010).



O questionário foi enviado a quatro agricultores e representantes da COOMAFITT no início do mês de setembro de 2020. Os entrevistados foram escolhidos devido às suas ações agroecológicas e representatividade perante os associados. Devido a pandemia do Covid-19, esta pesquisa foi realizada de forma remota e online, as respostas foram enviadas através de textos e áudios de WhatsApp, além de escritas a mão e digitalizada via email.

Técnica de análise de dados: análise e interpretação

Nesta fase realizamos a análise e interpretação dos dados e de informações coletados através da técnica de coleta de dados relacionando-os com o referencial teórico. Os elementos de análise são variáveis que permitem a reflexão contextualizada sobre todos os processos envolvidos na pesquisa. O problema, os objetivos e o referencial teórico foram confrontados com os dados concretos da pesquisa, adquiridos através da análise documental e do questionário.

Por se tratar de uma abordagem qualitativa, a análise dos dados está intimamente relacionada a capacidade do pesquisador. Miles e Huberman (1994) apresentam três etapas que geralmente são seguidas na análise de dados: redução, exibição e conclusão/verificação.

A redução dos dados consiste no processo de seleção e posterior simplificação dos dados que aparecem nas notas redigidas no trabalho de campo. A apresentação consiste na organização dos dados selecionados de forma a possibilitar a análise sistemática das semelhanças e diferenças e seu inter-relacionamento. E a terceira etapa é constituída pela conclusão/verificação. A elaboração da conclusão requer revisão para considerar o resultado dos dados, suas regularidades, padrões e explicações. (MILES e HUBERMAN,1994, p. 142).

Como este não é considerado um estudo conclusivo, fizemos uso da pesquisa exploratória, tendo como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. A maior parte destas pesquisas envolve: levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado e análise de exemplos que estimulem a compreensão (GIL, 2007).

Dando mais atenção às informações contadas, melhor percebemos a natureza qualitativa nesta abordagem. Esta preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais. Para Minayo (2001), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

As características da pesquisa qualitativa são: objetivação do fenômeno; hierarquização das ações de descrever, compreender, explicar, precisão das relações entre o global e o local em determinado fenômeno; observância das diferenças entre o mundo social e o mundo natural; respeito ao caráter interativo entre os objetivos buscados pelos investigadores, suas orientações teóricas e seus dados empíricos; busca de resultados os mais fidedignos possíveis; oposição ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências (GERHARDT, 2009, p. 31).

Segundo Gil (1994), através do método dialético (Hegel, G.): empregado em pesquisa qualitativa, onde os fatos não podem ser considerados fora de um contexto social; as contradições se transcendem dando origem a novas contradições que requerem soluções (GIL, 1994, p. 207). Sendo o método indutivo: empirista, o qual considera o conhecimento baseado na experiência; a generalização deriva de observações de casos da realidade concreta e são elaboradas a partir de constatações particulares (GIL, 1994, p. 207).

Utilizamos a pesquisa bibliográfica com fontes constituídas por material já elaborado, formado basicamente por livros e artigos científicos localizados em bibliotecas virtuais. A pesquisa documental recorre a fontes mais diversificadas e despesas, sem tratamento analítico, tais como: tabelas estatísticas, jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais, cartas, filmes, fotografias, pinturas, tapeçarias, relatórios de empresas, vídeos de programas de televisão, etc. (FONSECA, 2002, p. 32).

Enfatizando que esta é aquela que se realiza a partir do registro disponível, de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses, etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se

fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos (SEVERINO, 2010, p.122).

Quanto aos procedimentos, esta pesquisa é um estudo de caso, quando falamos sobre este procedimento, entende-se que esta é uma modalidade de pesquisa amplamente usada nas ciências sociais (GIL, 2007, p.54). Podendo ser caracterizado como um estudo de uma entidade bem definida como um programa, uma instituição, um sistema educativo, uma pessoa, ou uma unidade social. Visa conhecer em profundidade o como e porque de uma determinada situação que se supõe ser única em muitos aspectos, procurando descobrir o que ha nela de mais essencial e característico (FONSECA, 2002, p. 33). O estudo de caso pode decorrer de acordo com uma perspectiva interpretativa, que procura compreender como é o mundo do ponto de vista dos participantes, ou uma perspectiva pragmática, que visa simplesmente apresentar uma perspectiva global, tanto quanto possível completa e coerente, do objeto de estudo do ponto de vista do investigador (FONSECA, 2002, p. 33).

Aliamos a pesquisa participante, aquela que caracteriza-se pelo envolvimento e identificação do pesquisador com as pessoas investigadas a pesquisa de campo, onde se realiza a coleta de dados junto as pessoas, no caso, agricultores e representantes, através do questionário (FONSECA, 2002).

4. RESULTADOS: análise e interpretação

O processo investigatório proposto, busca analisar as práticas ecológicas desenvolvidas pela COOMAFITT e perpassa pelo dinamismo e pelas transformações da agricultura familiar nas últimas décadas. Este estudo se fundamenta nas ações desenvolvidas na esfera do cooperativismo, tendo como base socioeconômica os agricultores familiares. Neste sentido, buscaremos dialogar com conceitos de educação do campo, ecologia, cooperativismo, agricultura familiar, segurança alimentar e sistemas agroflorestais.

O curso de licenciatura em Educação do Campo, alinha-se ao Projeto de Desenvolvimento Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

(UFRGS) que prevê “o engajamento na criação de novos cursos de graduação, presenciais e a distância, em áreas ainda não atendidas, além de áreas inovadoras, de modo a atender a novas necessidades da sociedade e sempre observando os critérios de excelência acadêmica” (UFRGS, 2010, p.12). Neste sentido, propõe-se a atender uma nova demanda, as populações do campo, que historicamente lutam por uma educação diferenciada de qualidade, que respeite as especificidades da vida neste contexto.

O campo é território de produção de vida, de produção de novas relações sociais, de novas relações entre os homens e a natureza, de novas relações entre o rural e o urbano. A partir desta perspectiva, faz-se necessária uma concepção teórica assentada em fundamentos filosóficos, históricos e sociológicos que permitam articular o pensar e o fazer pedagógico com a construção de alternativas de desenvolvimento sustentável das comunidades do campo (Projeto Pedagógico do Curso de Educação do Campo – Ciências da Natureza – Litoral, 2016, p. 7).

A Educação do Campo nomeia um fenômeno da realidade brasileira atual, protagonizado pelos trabalhadores rurais e suas organizações, que intuitam refletir desde a política de educação até os interesses sociais das comunidades camponesas. “Objetivo e sujeitos a remetem às questões do trabalho, da cultura, do conhecimento e das lutas sociais dos camponeses e ao embate (de classe) entre projetos de campo e entre lógicas de agricultura”, tendo impacto direto no projeto de país e de sociedade da atualidade, além das concepções de política pública, de educação e de formação humana (ALENTEJO et al., 2012, p. 259).

Temos uma preocupação prioritária com a escolarização da população do campo. Mas, para nós, a educação compreende todos os processos sociais de formação das pessoas como sujeitos de seu próprio destino. Nesse sentido, educação tem relação com cultura, com valores, com jeito de produzir, com formação para o trabalho e para a participação social (Kolling, Cerioli e Caldart, 2002, p. 19).

No plano da práxis pedagógica, a Educação do Campo projeta futuro quando recupera o vínculo essencial entre formação humana e produção material da existência, quando concebe a intencionalidade educativa na direção de novos padrões de relações sociais, pelos vínculos com novas formas de produção, com o trabalho associado livre, com outros valores e

compromissos políticos, com lutas sociais que enfrentam as contradições envolvidas nesses processos (ALENTEJO et al., 2012, p. 265).

Sua contribuição original pode vir exatamente de ter de pensar estes vínculos a partir de uma realidade específica: a relação com a produção na especificidade da agricultura camponesa, da agroecologia; o trabalho coletivo, na forma de cooperação agrícola, em áreas de Reforma Agrária, na luta pela desconcentração das terras e contra o valor absoluto da propriedade privada e a desigualdade social que lhe corresponde. Vida humana misturada com terra, com soberana produção de alimentos saudáveis, com relações de respeito à natureza, de não exploração entre gerações, entre homens e mulheres, entre etnias. Ciência, tecnologia, cultura, arte potencializadas como ferramentas de superação da alienação do trabalho e na perspectiva de um desenvolvimento humano omnilateral (ALENTEJO et al., 2012, p. 265).

Tal como todos os aspectos do conhecimento, a ciência da ecologia teve, ao longo da história, um desenvolvimento gradual. As obras de Hipócrates, Aristóteles e outros filósofos gregos não tiveram uma palavra própria para a designar. O termo foi proposto pela primeira vez pelo biólogo alemão Ernest Haeckel, em 1869. Ecologia deriva da palavra grega *oikos*, que significa *casa* ou *lugar onde se vive*, e designa ciência que estuda as relações entre seres vivos e meio ambiente. “Ao longo prazo, a melhor definição para o domínio de uma matéria ampla é provavelmente a mais curta e a menos técnica, como, por exemplo, *biologia do ambiente*” (ODUM, 1988, p. 4).

Já a agroecologia pode ser considerada uma construção recente; portanto, sua definição ainda não está consolidada. Constitui, em resumo, um conjunto de conhecimentos sistematizados, baseados em técnicas e saberes tradicionais (dos povos originários e camponeses) “que incorporam princípios ecológicos e valores culturais às práticas agrícolas que, com o tempo, foram desecologizadas e desculturalizadas pela capitalização da agricultura” (LEFF, 2002, p. 42).

Agroecologia é entendida como um campo de conhecimentos, de natureza multi-disciplinar, que pretende contribuir na construção de estilos de agricultura de base ecológica e na elaboração de estratégias de desenvolvimento rural, tendo como referência os ideais da sustentabilidade numa perspectiva multidimensional de longo prazo (CAPORAL et al., 2006).

Portanto, a base de conhecimento da agroecologia se constitui mediante a sistematização e consolidação de saberes e práticas, convertendo os conhecimentos empíricos tradicionais em conhecimentos com bases e metodologias científicas, visando a sociodiversidade e a agricultura ambientalmente sustentável, economicamente eficiente e socialmente justa (ALENTEJO et al., 2012, p. 59).

Desde a antiguidade clássica, agricultores desenvolvem maneiras de lidar com insetos, plantas e outros seres vivos que se difundem nos cultivos, competindo pelo alimento. Escritos de romanos e gregos mencionavam o uso de produtos como o arsênico e o enxofre nos primórdios da agricultura. A partir do século XVI, registra-se o emprego de substâncias orgânicas, como a nicotina e piretros extraídos de plantas, tanto na Europa quanto nos Estados Unidos (ALENTEJO et al., 2012, p. 88).

Esta crescente inicia-se na segunda metade do século XX, quando empreendedores de países industrializados, prometiam aumentar a produtividade agrícola e responder ao problema da fome nos países em desenvolvimento. E a chamada Revolução Verde¹ passa a se conformar como modelo de produção racional voltado para a expansão das agroindústrias e baseado na utilização intensiva de sementes híbridas e de insumos químicos – fertilizantes e agrotóxicos, na mecanização da produção e no uso extensivo de tecnologia (Moreira, 2000).

O aprofundamento da crise ecológica da agricultura na última década, com a liberação da venda dos transgênicos, associado ao consumo crescente de venenos agrícolas, levaram o Brasil a se tornar, desde 2008, o país que mais utiliza agrotóxicos no mundo. Os impactos socioambientais desse modelo de agricultura têm se agravado e se concentram justamente nas populações que vivem em piores condições de moradia, saneamento, renda, acesso a serviços de saúde e educação (ALENTEJO et al., 2012, p. 694).

Conjugado ao difusionismo tecnológico, bem como a uma base ideológica de valorização do progresso, esse processo vinha sendo idealizado

¹ A Revolução Verde foi concebida como um pacote tecnológico – insumos químicos, sementes de laboratório, irrigação, mecanização, grandes extensões de terra – conjugado ao difusionismo tecnológico, bem como a uma base ideológica de valorização do progresso. Esse processo vinha sendo gestado desde o século XIX, e, no século XX, passou a se caracterizar como uma ruptura com a história da agricultura.

desde o século XIX, e, no século XX, passou a se caracterizar como uma ruptura com a história da agricultura (ALENTEJO et al., 2012, p. 687). Os defensores da Revolução Verde afirmavam que somente com a melhoria das técnicas de produção seria possível acabar com a escassez e a dependência de alimentos; consideravam-na, assim, como uma solução para a crise de alimentos. Todavia, o modelo adotado sempre apresentou controvérsias: foram surgindo críticas em decorrência dos inúmeros impactos sociais e ambientais gerados por ela, com destaque para a perda de variedades antigas e a perda irrecuperável de material genético e de alternativas alimentícias (ALENTEJO et al., 2012, p. 687).

Por um lado, há os que abordam a Revolução Verde apenas como enfoque tecnológico e consideram que os problemas que dela decorrem podem ser resolvidos mediante inovações tecnológicas. Por outro, há os que concebem a Revolução Verde como um problema sob os aspectos social, econômico, político, cultural, agrônômico e ecológico, e, portanto, avaliam que a Revolução Verde causou grandes mudanças estruturais, não cabendo analisá-la da visão de uma neutralidade científica. Foram modificações radicais e que transformaram a base da agricultura: o conhecimento milenar prático do próprio agricultor foi substituído pelo conhecimento científico; os ciclos ecológicos locais, pautados nos recursos endógenos, foram substituídos por insumos exógenos industriais; o trabalho que era realizado em convivência com a natureza foi fragmentado em partes – agricultura, pecuária, natureza, sociedade –, e cada esfera passou a ser considerada em separado, quebrando-se a unidade existente entre ser humano e natureza. [...] Essas transformações resultaram em êxodo rural, dependência da agricultura em relação à indústria e às corporações, dependência do agricultor da ciência e da indústria, desterritorialização dos camponeses, invasão cultural e contaminação do ser humano e do ambiente como um todo. A Revolução Verde contribuiu para marginalizar grande parte da população rural (ALENTEJO et al., 2012, p. 688).

O aprofundamento da crise ecológica da agricultura na última década, com a liberação da venda dos transgênicos, associado ao consumo crescente de venenos agrícolas, levaram o Brasil a se tornar, desde 2008, o país que mais utiliza agrotóxicos no mundo. Os impactos socioambientais desse modelo de agricultura têm se agravado e se concentram justamente nas populações que vivem em piores condições de moradia, saneamento, renda, acesso a serviços de saúde e educação (ALENTEJO et al., 2012, p. 693).

Se hoje estamos discutindo a crise ambiental e a problemática da sustentabilidade é porque determinado modelo dominante de sociedade ameaça a natureza, ou, se quisermos dizer de outro modo, determinada forma de relação sociedade– natureza nos trouxe a esta crise ambiental que é, na verdade, socioambiental. Estamos falando das sociedades ocidental-capitalistas que dominaram o mundo nos últimos quinhentos anos e do modo industrial de apropriação da natureza que se instituiu, a partir da Revolução Industrial, no final do século XVIII e viabilizou enorme aceleração do processo de acumulação de capital, às custas de uma também enorme capacidade de transformação de matéria e energia contidas nos ecossistemas e em ilhas de recursos geologicamente armazenados (petróleo, gás, jazidas minerais etc.). A insustentabilidade é, portanto, um problema civilizatório do tipo de civilização ocidental dominante [...] (ALENTEJO et al., 2012, p. 730-731).

A produção saudável, as técnicas de saneamento ambiental e ecológico, a valorização de práticas e conhecimentos tradicionais, a defesa da biodiversidade, as escolas do campo fundadas pelos movimentos sociais, a geração de renda proveniente de agroindústrias na forma de cooperativas e as mobilizações sociais são exemplos de ações que têm levado a maior autonomia dos territórios e devem nortear não apenas políticas públicas promotoras da saúde do campo, como também a construção de políticas de saúde do campo (ALENTEJO et al., 2012, p. 698).

Experienciar práticas coletivas de trabalho é, sem dúvida, a principal escola para aprender o que significa produzir e gerir associativamente e de forma autogestionária o trabalho e a vida. Atualmente, no entanto, essa não tem sido a nossa principal escola. Trata-se, então, de um longo e contraditório processo de instituição de novas práticas sociais, e, ao mesmo tempo, de reflexão crítica sobre elas para produzir uma nova cultura. A autogestão das cooperativas por trabalhadores e trabalhadoras, baseada em decisões tomadas democraticamente, pelo coletivo dos associados, nos núcleos de base, nas assembleias e nas demais instâncias de decisão, vai tecendo novos saberes, valores e, portanto, uma nova cultura (ALENTEJO et al., 2012, p. 619).

A partir de meados da década de 1980, avanços, tanto na consciência das pessoas quanto na disponibilidade de informação, viriam a se tornar os blocos de construção para um dos mais poderosos movimentos de consumidores éticos do século XXI. A sensibilização do público para a segurança alimentar e questões ambientais começou a aumentar significativamente na década de 1980, quando o alimento orgânico passou a

ser demandado por mais pessoas, bem como se tornar acessível a mais consumidores, por meio da oferta de produtores, lojas de produtos naturais e, em seguida supermercados (WRIGHT e MCCREA, 2008).

Alguns estudos (TORJUSEN et al., 2001, DAROLT et al., 2013) destacaram ainda que os consumidores de alimentos orgânicos são mais preocupados com as questões ambientais, éticas e de saúde, do que consumidores de alimentos convencionais. Hoppe (2010) evidenciou que o comprador brasileiro considera o alimento orgânico mais seguro (livre de agrotóxicos), mais saboroso e oriundo de um sistema de produção menos agressivo ao meio ambiente. Para Krischke e Tomiello (2009) os principais motivadores de consumo no Brasil são uma vida saudável, com qualidade de vida, a confiança nos alimentos adquiridos e a qualidade do produto; o que corrobora com resultados de outros pesquisadores (CESCHIM e MARCHETTI, 2009; RUCINSKI e BRANDENBURG, 2002; VILAS BOAS, SETTE e BRITO, 2011; LOMBARDI, MOORI, SATO 2008).

Dias (2016) afirma que a prova da significativa melhoria ambiental por meio do uso de agricultura orgânica já foi destacada em diversos estudos. Os pesticidas são praticamente eliminados e a poluição por nutrientes reduzida substancialmente, há redução da erosão do solo e da perda da biodiversidade, redução no uso água e de combustíveis fósseis, bem como dos impactos relacionados ao efeito estufa em comparação com sistemas de agricultura convencional (DIAS, 2016, p. 42 apud LOTTER, 2003, ONUDI, 2016).

A conversão para à sustentabilidade, fazendo uso de um novo modelo de desenvolvimento da agricultura, mostra-se fundamental no propósito de mitigar os malefícios ocasionados pela predominância do sistema convencional de produção à sociedade e ao meio ambiente. Isto porque a incorporação de níveis de sustentabilidade aos sistemas agrários não só contribui para a redução dos impactos ambientais e possibilita a preservação dos recursos naturais aliada à produtividade dos cultivos, como também incita transformações nas esferas sociais, transpondo, assim, o âmbito produtivo priorizado na forma usual de produção. Desta forma, o processo de conversão à sustentabilidade apresenta-se como essencial à perpetuação de um novo sistema alimentar, fundamentado na valorização de uma agricultura tradicional, social e ambientalmente viável, e exerce, portanto, imprescindível função no desenvolvimento de metodologias e práticas sustentáveis de agricultura (GLIESSMAN et al., 2007, p. 10).

Martins et al (2006) afirmam que apesar dos indicadores de expansão e convencionalização do mercado, as feiras de produtores e as cooperativas de consumidores ainda são os principais locais de venda de orgânicos. De acordo com os mesmos autores, a comercialização direta, por meio de cadeias mais curtas, feiras e cooperativas de consumo criam o ambiente mais propício para a criação ou retomada dos vínculos entre produtores e consumidores, reforçando a confiança estabelecida entre eles (DIAS, 2016, p. 46, apud MATINS et al., 2006, p.9)

Segundo Dias (2016), a venda direta é uma das formas de comercialização característica de cadeias ou circuitos curtos. Diferente das cadeias convencionais, onde estão situadas as redes varejistas, por exemplo, as cadeias curtas de abastecimento podem empregar diferentes construções sociais e relações com a ecologia, localidade, região, convenção de qualidade e culturas de consumo. Foram identificadas, em estudos realizados na Europa, duas dimensões para descrever as relações entre consumidores e produtores (RENTING, MARSDEN e BANKS, 2003).

Na primeira dimensão existem as relações face a face, comuns em feiras, vendas a domicílio, grupos de consumo e venda de produtos produzidos em pequenas agroindústrias familiares, identificados e reconhecidos como “produtos coloniais” (DIAS, 2016, p. 46 apud FERRARI, 2011). A segunda dimensão refere-se a relações estendidas, venda de produtos certificados, caracterizada pelos produtos em supermercados e para exportação, mas que mantenham os significados implícitos da produção orgânica, local ou regional (FERRARI, 2011).

No Brasil, uma parcela dos consumidores complementa suas compras em pequenos varejos, mercados locais ou feiras, 42% recorrem a lojas especializadas e 35% a feiras do produtor (KLUTH et al., 2010). O crescimento do interesse do consumidor por esses alimentos, comercializados de forma mais direta ou próxima ao consumidor pode ser percebido pelo evidenciado crescimento dos estabelecimentos deste tipo (DIAS, 2016, p. 48 apud KLUTH et al., 2010).

Tendo em vista que este é considerado um mercado em ascensão, neste estudo de caso foi realizada a aplicação de um questionário, onde é possível entender melhor como os associados participam da COOMAFITT e de

que forma os processos são encaminhados ano após ano. Através de 12 perguntas, entre estas 9 respondem aos objetivos específicos desta pesquisa, e as outras 3 questões foram organizadas com o intuito de conseguirmos idealizar uma visão mais ampla sobre a COOMAFITT, seus associados e pretensões para o futuro. Foi entregue ao grupo de administração e anexado neste trabalho, uma carta de apresentação da autora, assinada pelo orientador da instituição de ensino, e foram coletadas as assinaturas dos participantes da pesquisa através de um termo de consentimento livre e esclarecido, onde concordaram em ser identificados para dar maior autenticidade e veracidade ao estudo.

Entre os entrevistados contamos com Bruno Engel Justin, 24 anos, filho de agricultores, graduado em Administração e atual Presidente da COOMAFITT; Micheli Bresolin Jacoby, 30 anos, filha de agricultores, graduada em Matemática e atual Vice-Presidente da COOMAFITT; Rodrigo Wolf, 47 anos, ex-Presidente da COOMAFITT, atual orientador para produtores interessados em conversão para agroecologia; e Sidnei Justin Witt, 29 anos, filho de agricultores e agricultor orgânico, Técnico Contábil e atual Tesoureiro da COOMAFITT.

Fundada em setembro de 2006, a Cooperativa Mista de Agricultores Familiares de Itati, Terra de Areia e Três Forquilhas completou em 2020, 14 anos de existência. A COOMAFITT surgiu para promover o desenvolvimento socioeconômico de famílias por meio do comércio de alimentos que respeitam as pessoas e o meio ambiente. Segundo a Vice-Presidente Michele Jacoby, atualmente a COOMAFITT conta com 270 sócios, sendo que destes, 40 colaboradores tem plantações e iniciativas orgânicas com certificação. As atividades de certificação são desenvolvidas pela Opac Litoral Norte, entidade participativa certificadora de orgânicos, com sede junto à cooperativa.

A logística e a qualidade da produção tornaram a COOMAFITT uma referência estadual. As etapas da organização (recolhimento, limpeza, armazenamento, expedição e entrega) influenciam na agilidade do serviço e também na qualidade dos produtos *in natura*² e agroindustrializados. Segundo

² A expressão *in natura* significa "na natureza, da mesma natureza". É utilizada para descrever os alimentos de origem vegetal ou animal que são consumidos em seu estado natural.

Bruno Justin, atual Presidente da cooperativa, a transição agroecológica é um dos focos, e entre os associados é incentivada a utilização das técnicas agroecológicas e práticas sustentáveis. Visualizando o futuro da cooperativa, Jacoby espera que os números entrem numa linha crescente e cheguem a 50% dos sócios com produções orgânicas bem diversificadas.

Questionado sobre como enxerga a existência da COOMAFITT no longo prazo, e de que forma idealizam a questão da plantação e alimentação orgânica daqui há alguns anos, Bruno Justin, diz ver a comercialização sendo realizada em diferentes mercados – institucional e privado, sendo que atualmente grande parte da comercialização ainda é referente aos mercados institucionais. “Evolução no desenvolvimento de novos produtos a partir das potencialidades locais, espaço para industrialização e beneficiamento de produtos”, Justin espera o fomento da transição orgânica, continuando o processo de incentivo e apoio aos agricultores que queiram realizar o processo de agroecologia, além de avançar na construção de mercados para alimentos orgânicos.

4.1 Concepção de cooperativismo e de ecologia desenvolvidos pela COOMAFITT;

Bruno Justin, atual Presidente da COOMAFITT, explica que no momento da fundação da cooperativa, foi adotado um dispositivo no Estatuto que seria essencial para a estruturação a longo prazo: a delimitação do território, permitindo associados apenas dos municípios de Itati, Terra de Areia e Três Forquilhas, fazendo com que as ações de impacto fossem bem focalizadas. “Isso dá a condição de proximidade com os associados. Foram criados diversos espaços justamente para viabilizar a participação dos agricultores familiares no debate das estratégias da cooperativa”, completou Bruno.

Justin delimita as participações como: 1) Organização dos grupos de produção (bananeiros, hortigranjeiros, agroindústrias); os grupos de mobilização: 2) Juventude, Mulheres e Turismo Rural; além dos momentos de integração comunitária: 3) Momento cooperativista (espaço de formação cooperativa realizado anualmente em parceria com a Emater/RS); 4) Reuniões das comunidades (encontros realizados anualmente para levar a cooperativa

às comunidades, normalmente de caráter mais informal, mas de grande importância para o debate de projetos); 5) Diretoria e Conselho Fiscal se reúnem mensalmente, com reuniões abertas a qualquer associado que queira participar (Figura 1).

De acordo com o atual Presidente da COOMAFITT, os extratos bancários, relatórios contábeis e relatórios de comercialização ficam à disposição de todos os associados e podem ser retirados na cooperativa. “O processo de transparência foi e continua sendo essencial para manter a confiança do quadro social”, afirma Bruno, concluindo que este é um cooperativismo que de fato se preocupa em estar próximo da base, onde os associados conheçam e tenham acesso direto ao Presidente da cooperativa e possam participar ativamente das discussões e tomada de decisão.

Na concepção de Rodrigo Wolf “o cooperativismo da COOMAFITT se estabelece e funciona através da participação dos associados que buscam o mesmo objetivo”. Ainda segundo Wolf, a participação ocorre através das assembleias, reuniões e conselhos administrativo e fiscal, que conta com o grupo de jovens e grupo de mulheres igualmente representados.

Figura 1 - Reunião dos jovens agricultores na administração da COOMAFITT



Fonte: Acervo da Coomafitt

Segundo a administração da cooperativa, a transição para a agroecologia é uma das principais estratégias da COOMAFITT, definida no último planejamento estratégico, em 2018. Historicamente, o primeiro estágio de transição teve um foco na produção de Banana Prata (Figura 2), e

atualmente está sendo discutido processos de diversificação da produção de alimentos orgânicos, incentivo as agroflorestas através da articulação para a certificação agroflorestal, bem como a organização da produção para a comercialização destes alimentos. “Entendemos que existem vários perfis de propriedade e é necessário incentivar a produção de base sustentável e alimentos saudáveis”, finaliza o Presidente da cooperativa.

Figura 2 - Agricultor em meio as bananeiras da sua propriedade



Fonte: Acervo da Coomafitt

De acordo com Micheli, Rodrigo Wolf vai até as propriedades das famílias interesadas em produzir de forma orgânica para orientar como devem organizar sua propriedade para a certificação e como será a participação nas reuniões da OPAC (Organismo Participativo de Avaliação da Conformidade/ Litoral Norte-RS). Sidnei Witt lembra que além do agrônomo responsável por incentivar e auxiliar no acompanhamento dos sócios que migram para o cultivo orgânico, a COOMAFITT também viabiliza, através das práticas de políticas públicas, preço de incentivo de produtor orgânicos. “A concepção de cooperativismo da COOMAFITT é de igualdade e preço justo aos associados e isso acontece devido ao grande número de socios que participam das reuniões e ajudam nas decisões”, relatou o atual tesoureiro.

4.2 Trabalho de formação e qualificação sobre ecologia junto aos associados;

Segundo Bruno Justin, a COOMAFITT desenvolve os princípios de cooperativismo e ecologia junto aos agricultores através de metodologias que viabilizem a participação dos associados, para ele é necessário que as ferramentas de gestão sejam implementadas de maneira participativa. “É importante que a cooperativa pra além do processo de comercialização, visualize a organização das famílias e articule condições que também contribuam na melhoria da qualidade de vida destas pessoas”, acrescentou. Para Justin, a agroecologia: “além de ter um mercado aquecido, representa saúde, qualidade de vida e produção de alimento limpo”, que afirma ainda que a agroecologia está presente em todos os espaços da cooperativa, mesmo na produção convencional, justamente para incentivar a transição (Figuras 3 e 4).

O agricultor Sidnei Witt ressalta que tanto produtores do cultivo convencional quanto produtores orgânicos se reúnem mensalmente para o planejamento: “além de ter acesso a grupos de WhatsApp exclusivos onde podemos expor semanalmente os produtos que estão disponíveis para a o comércio”. Rodrigo Wolf acredita que o processo de conscientização é construído através de reuniões, palestras, além de contar com a participação da Emater/RS.

Figura 3 - Família segue a tradição no campo



Fonte: Acervo da Coomafitt

Wolf afirma que a qualificação inicia com a ajuda de um facilitador, este realiza uma visita até o associado que demonstrou interesse ou curiosidade sobre agroecologia. Conhecendo as exigências para a transição, explica como funciona o sistema participativo de certificação, informa sobre as datas e locais das assembleias dos grupos de produtores ecologistas. Posteriormente, se disponibiliza para levar o produtor pra conhecer propriedade já certificada, orienta sobre a formação de barreira, ajuda na elaboração do plano de manejo e com o caderno de campo para as anotações.

Rodrigo lembra que além de todo auxílio nesta primeira etapa, outro incentivo da COOMAFITT é pagar a mais pelo produto em fase de transição, mesmo não conseguindo repassar este custo para o consumidor final. Segundo ele, esta é considerada uma forma de subsídio. “Com tudo isso, o tempo de transição que é penoso pro produtor, diminui bastante. Evitando que produtores desistam na metade ou se mantenham excluídos por falta de orientação ou incentivo”, exemplifica o Ex Presidente.

O atual Presidente esclarece que a COOMAFITT atualmente conta com alguns parceiros estratégicos nesse processo de transição, entre eles: Emater/RS, OPAC, Anama³ (Ação Nascente Maquiné), Centro Ecológico⁴, Rede Ecovida, Cresol, UFRGS, IFRS (Instituto Federal do Rio Grande do Sul) e Secretaria do Meio Ambiente, segundo Bruno, por meio das entidades de assistência técnica e universidades são realizados espaços de formação e troca de experiências entre os agricultores. “Além disso, atualmente temos um responsável pelo processo de transição orgânica que faz um elo entre o agricultor e certificadora para auxiliar o agricultor neste momento”, acrescenta Bruno, lembrando que a COOMAFITT também viabiliza um aumento de 15% no valor dos produtos do associado enquanto ele estiver em processo de transição.

³ ANAMA é uma associação da sociedade civil, sem fins lucrativos, fundada em 1997 e que tem como missão promover estratégias de desenvolvimento socioambiental saudáveis, de relevância pública e social, nos biomas Mata Atlântica e Pampa

⁴ O Centro Ecológico Ipê é uma ONG que desde 1985, trabalha para viabilizar avanços sustentáveis na produção agrícola, mediante a adoção de tecnologias alternativas orientadas pela filosofia da preservação ambiental e da justiça social.

4.3 Trabalho da assistência técnica (às práticas ecológicas quanto a produção) e as atividades produzidas;

Questionados sobre a existência de uma assistência técnica aos associados para o incentivo a produção orgânica, Bruno Justin afirma que sim, e que é realizada pela Emater/RS e as ONGs (Organizações não Governamentais) Anama e Centro Ecológico. “Recentemente também iniciamos a parceria com a Cresol que disponibiliza um engenheiro agrônomo uma vez por semana para visitas aos associados com produção orgânica”, disse Justin.

Figura 4 - Família de agricultores unida na plantação e colheita de cenouras



Fonte: Acervo da Coomafitt

Rodrigo Wolf afirma que existe uma assistência técnica, “porém é limitada”. Segundo ele, as visitas são compostas por técnicos da Emater/RS, e recentemente, por um técnico que trabalha uma vez por semana, e atende a todos os associados, independente ser orgânico ou convencional. O principal produto orgânico comercializado é a banana – e alguns agricultores trabalham com monocultura, além da produção de diversidade, porém em menor escala, direcionada para feiras. Entre os demais produtos orgânicos comercializados estão: citros, hortaliças, legumes, temperos, chás e *PANCS*⁵.

⁵ Plantas Alimentícias Não-Convencionais

4.4 Processo de comercialização de alimentos orgânicos;

Sobre o mercado dos produtos orgânicos, Bruno afirma que este é muito mais enriquecido que o mercado convencional: “As relações se constroem de maneira mais estratégica, não limitando apenas a discussão do preço”, revela ele, expondo que nestes casos, a organização do cooperativismo e os processos de impacto social se tornam mais relevantes e tem maior reconhecimento. “Atendemos atualmente no Litoral Norte através do e-commerce e na região metropolitana através da parceria com a GiraSol⁶ e outras lojas de produtos naturais”, além de supermercados, e a parceria de alimentação escolar de Itati e Terra de Areia com itens orgânicos no Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) (Figura 5).

Figura 5 - Caminhão que auxilia no transporte dos alimentos da COOMAFITT



Fonte: Acervo da Coomafitt

Em relação aos preços, Michele Jacoby afirma que “no mínimo o agricultor orgânico recebe 30% a mais que o agricultor convencional no valor do produto, na maioria dos produtos chega a 50%”. Rodrigo Wolf lembra que: “O preço é bom para o produtor e para o consumidor, pois tem uma cadeia curta – sem o atravessador”.

⁶ A Cooperativa GiraSol é uma iniciativa de economia solidária que tem por objetivo a prática do comércio justo e do consumo sustentável.

O agricultor orgânico Sidnei nos conduz ao contexto atual e relembra que em tempos de pandemia, “estamos trabalhando em cima de grupos de WhatsApp, mas antes fazíamos reuniões trimestrais ou semestrais para fazer o planejamento de cultivo”. A COOMAFITT também trabalha com distribuição de cestas exclusivas de produtos orgânicos, entregues no Litoral Norte e proximidades a capital do Estado.

4.5 Políticas públicas agroecológicas trabalhadas pela COOMAFITT;

Sobre o acesso às políticas públicas de comercialização, Justin denomina o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), além do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), que auxiliou a cooperativa no desconto para a compra de veículos para o auxílio da comercialização (Figura 6). Segundo o Presidente, existe também o Pronaf Agroecologia, mas é pouco utilizado na região.

Figura 6 - Sede da COOMAFITT e carro da cooperativa



Fonte: Acervo da Coomafitt

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como tema “As práticas ecológicas da Cooperativa Mista de Agricultores de Itati, Terra de Areia e Três Forquilhas (COOMAFITT)”. Propondo-se a conhecer e entender um pouco sobre as ações que visam à preservação do meio ambiente, realizadas através do modelo de cooperativismo desenvolvido pela cooperativa.

Para responder a todos os questionamentos e delimitar cada proposta de questão, dividimos os objetivos específicos em tópicos: entender a concepção de cooperativismo e de ecologia desenvolvidos pela COOMAFITT; compreender como é o trabalho de formação e qualificação sobre ecologia junto aos associados; identificar como é o trabalho da assistência técnica (às práticas ecológicas quanto a produção) e as atividades produzidas; conhecer o processo de comercialização de alimentos orgânicos; e por último, identificar as políticas públicas trabalhadas pela COOMAFITT;

Sobre a concepção de cooperativismo e de ecologia desenvolvidos pela cooperativa, fica claro, através das respostas do atual Presidente, Bruno Engel, que a participação dos associados no debate das estratégias do grande grupo é fundamental para a qualidade e continuidade do trabalho. Através da organização dos grupos de produção, mobilização, integração comunitária, momento cooperativista, reuniões das comunidades, além dos encontros entre diretoria e conselho fiscal, abertas a qualquer associado.

Confirmando o modelo cooperativista que visa o crescimento mútuo de seus associados, a COOMAFITT deixa a disposição dos interessados, os extratos bancários, relatórios contábeis e demonstrativos de comercialização, esclarecendo a importância da transparência no processo. Os grupos de mulheres e jovens são igualmente representados nas assembleias e tomadas de decisões do grande grupo, tendo, inclusive Micheli Jacoby, filha de agricultores, como atual Vice-Presidente da cooperativa.

A transição para a agroecologia é vista como uma das principais estratégias da COOMAFITT, visionando a diversificação da produção de alimentos orgânicos, incentivando a certificação agroflorestal, bem como a comercialização destes alimentos. Através do contato com o orientador e/ou

agrônomo responsável, as famílias interessadas em produzir de forma sustentável são direcionadas a organizar suas propriedades para obtenção da certificação. A cooperativa incentiva os produtores através das práticas de políticas públicas de igualdade e preço justo, facilitando o ingresso, viabilizando um aumento de 15% no valor dos produtos do associado enquanto estiver em processo de transição.

Tendo em vista as dificuldades iniciais do processo, observando as respostas de todos os entrevistados, fica nítido a relevância e importância dos valores da agroecologia para os associados. Todos alinhados para os interesses além do mercado, visando as representações de qualidade de vida, saúde alimentar, produção limpa de colaboração e responsabilidade para com o meio ambiente, em que plantam e também vivem com suas famílias.

O trabalho de assistência técnica é realizado pela Emater/RS e as ONGs Anama e Centro Ecológico, além da Cresol, em recente parceria. As entidades reforçam a representação através de técnicos, engenheiros agrônomos, e licenciados para visitas semanais aos associados interessados em desenvolver uma produção orgânica. O principal produto comercializado hoje é a banana, que é fortemente direcionada para as feiras, no Litoral Norte e região metropolitana. Entre os demais produtos orgânicos comercializados atualmente estão: citros, hortaliças, legumes, temperos, chás e *PANCS*.

Sobre as possibilidades visionadas através do mercado dos produtos orgânicos, o atual Presidente é otimista, afirmando que “as relações são construídas de maneira mais estratégica, não limitando a discussão do preço”, enfatizando que as organizações de cooperativismo e os processos de impacto social se tornam cada vez mais relevantes e de reconhecimento a longo prazo. Em 2008, ao iniciar as atividades comerciais no PAA, a cooperativa organizou a produção, acessou créditos, aplicou novas tecnologias, abriu novos mercados, como o PNAE e, em dez anos, aumentou seu faturamento em 82 vezes. O Pronaf também auxiliou a cooperativa no desconto para a compra de veículos para o auxílio na comercialização de alimentos. Em relação aos preços, Michele Jacoby afirma que “no mínimo o agricultor orgânico recebe 30% a mais que o agricultor convencional no valor do produto, na maioria dos produtos chega a 50%”.

Tendo em vista o atual contexto da humanidade e dos recursos finitos do planeta, é possível compreender que algo precisa mudar. Para tal, é necessário estar consciente das escolhas que todos fazem diariamente, desde a reciclagem do lixo em casa, a preocupação com o reaproveitamento, prestando atenção aos consumismos e desperdícios em excesso.

Entre diversos fatores, escolhemos aqui abordar a importância da alimentação, que está diretamente ligada a saúde do solo e do ser humano como um todo. Uma vez que o que é ingerido provem da terra, a lógica nos remete as perguntas de como estamos plantando. Já passamos pelos entendimentos históricos da Era Industrial, Pós-Guerra, Revolução Verde, modelo capitalista, para compreender que atitudes impensadas no passado, refletem na realidade de hoje e do futuro próximo. E através de pesquisas e exemplos práticos de preservação, sustentabilidade e agroflorestas, é possível deslumbrar alternativas para frear o que não vem sendo assertivo e recomeçar com um novo processo de descoberta, de vida, de prosperidade.

Para esta autora, a visita a COOMAFITT em 2019 representou uma visão de esperança, que despertou o brilho nos olhos, de admiração por quem cuida da terra. Agricultores e agricultoras, com suas famílias, valorizando o simples e contemplando o belo em suas propriedades, despertando para as novas práticas ecológicas, que visam beneficiar a natureza inteira – terra, ar, água e ar. Completamente alinhado aos valores da Educação do Campo: as ciências da natureza, criando e conservando ambientes ricos em saberes populares, conhecimento passado de geração em geração, que foi mantido para voltar a ser valorizado.

Com a realização deste estudo posso concluir que a COOMAFITT caminha a passos largos, com princípios alinhados à preservação do meio ambiente, a saúde alimentar, do exercício das políticas públicas a favor de seus associados, da capacitação de agricultores, da conservação dos jovens e da família no campo, da relevância da participação das mulheres nas decisões do grande grupo, autonomia produtiva, entre muitas outras ideias colaborativas e socioeconômicas. Este estudo poderá ser seguido de tantos outros eixos investigatórios, com o futuro almejado pelos entrevistados nesta pesquisa, que

idealizam a cooperativa como uma linha crescente em iniciativas orgânicas, sustentáveis, agregando valor ao meio ambiente e aos seus associados.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, Ricardo. **Uma extensão para a agricultura Familiar** – Anais. Brasília: Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, 1997.

ALENTEJANO, Paulo; CALDART, Roseli; FRIGOTTO, Gaudêncio; PEREIRA Isabel Brasil. **Dicionário da Educação do Campo**. Expressão Popular. Rio de Janeiro/São Paulo, 2012.

ALTIERI, M. A. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. 3.ed. Porto Alegre: Editora da Universidade – UFRGS, 2001.

ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. São Paulo: Pioneira, 1998.

BINDA, NILSON. **Cooperativismo agrícola: esfera pública, participação e sustentabilidade**. Porto Alegre, 2014. Acesso em 4 de setembro de 2020. Disponível em: <
<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/96695/000914876.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>

CAPORAL, F.; COSTABEBER, J.. **Agroecologia: alguns conceitos e princípios**. Brasília, 2004.

CAPORAL, F. r.; COSTABEBER, J. A.; PAULUS, g. **Agroecologia: matriz disciplinar ou novo paradigma para o desenvolvimento rural sustentável**. In: Tommasino, H.; Hegedüs, P. de. (Eds.). Extensión: reflexiones para laintervenciónenelmedio urbano y rural. Montevideo: Departamento de Publicaciones de laFacultad de Agronomía – Universidad de la República Oriental delUruguay, 2006.

CARDOSO, Marcos Abrahão. **Agrofloresta como ferramenta de autonomia: a percepção do agricultor familiar de base ecológica**. 2012. Acesso em: 9 de outubro de 2019. Disponível em: <
<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/109276>>

CARVALHO, I.C.M. **Educação ambiental: A formação do sujeito ecológico**. São Paulo, 2004.

DIAS, Valéria da Veiga. **Lealdade e relações de proximidade: uma característica dos consumidores de alimentos orgânicos**. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016.

FERRARI, Dilvan Luiz. **Cadeias agroalimentares curtas: a construção social de mercados de qualidade pelos agricultores familiares em Santa Catarina**. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Ciências Econômicas. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural. 2011. Disponível: <

<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/49829/000828691.pdf?sequence=1>> Acesso em: 18 de outubro de 2020.

FREITAS, Wesley R. S.; JABBOUR, Charbel J. C.. **Utilizando estudo de caso(s) como estratégia de pesquisa qualitativa: boas práticas e sugestões**. Estudo & debate. Lajeado, v. 18, n. 2, p. 07-22, 2011.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIDDENS, A. **A constituição da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4 ed. São Paulo: Atlas. P. 207. 1994.

GLIESSMAN, s. r., et. al. **Agroecología: promoviendo una transición hacia la sostenibilidad**. Ecosistemas, v. 16, n. 1, p. 13- 23, jan. 2007.

HOPPE, A.; VIEIRA, L. M.; BARCELLOS, M. Consumer behaviour towards organic food in Porto Alegre: an application of the theory of planned behaviour. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v.51, n.1, p.69-90, 2013.

KRISCHKE, Paulo J.; TOMIELLO, Naira. O comportamento de compra dos consumidores de alimentos orgânicos: um estudo exploratório. **Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas**, v. 10, n. 96, p. 27-43, 2009.

KNECHTEL, Maria do Rosário. **Metodologia da pesquisa em educação: uma abordagem teórico-prática dialogada**. Curitiba: Intersaberes, 2014.

KOLLING, E. J.; NERY, I.; MOLINA, M. C. **Por uma educação básica do campo (memória)**. Brasília: Articulação Nacional por uma Educação do Campo, 1999.

_____; CERIOLI, P. R.; CALDART, R. S. (org.). **Educação do campo: identidade e políticas públicas**. Brasília: Articulação Nacional por uma Educação do Campo, 2002.

LEFF, E. Ignacy Sachs y el ecodesarrollo. In: vieira, Paulo Freire et al (org.). **Desenvolvimento e meio ambiente no Brasil: a contribuição de Ignacy Sachs**. Porto Alegre: Pallotti; Florianópolis: Aped, 1998.

LUZ, Lidiane Fernandes da. **Agrobiodiversidade e agroindústria familiar rural: espaços de diálogo sobre os produtos da agricultura familiar no Litoral Norte do Rio Grande do Sul**. 2012. Acesso em: 9 de outubro de 2019. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/72251>>

MARTINS, V. A.; FILHO, W. P. C.; BUENO, C. R. F. **Preços de frutas e hortaliças da agricultura orgânica no mercado varejista da cidade de São Paulo**. Informações Econômicas, v. 36, p. 9, 2006.

MARTINS, Adalberto Floriano Greco. **A produção ecológica de arroz nos assentamentos da região metropolitana de Porto Alegre: territórios de resistência ativa e emancipação.** 2017. Acesso em: 9 de outubro de 2019. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/172204>>

MOREIRA, R. J. **Críticas ambientalistas à Revolução Verde.** X World Congress of Rural Sociology – IRSA e no XXXVII Brazilian Congress of Rural Economic and Sociology – Sober, Workshop n. 38. Greening of agriculture. Rio de Janeiro, 2000. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/292380/mod_resource/content/0/176-432-1-PB.pdf> Acesso em 10 de outubro de 2020.

MINAYO, Maria Cecília de Souza [et al]. **Pesquisa social: teoria, método e criticidade.** Petrópolis: Vozes, 2002. Acesso em: Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2012/11/pesquisa-social.pdf>> Acesso em: 10 de outubro de 2020.

NORGAARD, R. B. **A base Epistemológica da agroecologia. Agroecologia: a base científica da agricultura alternativa.** Rio de Janeiro, 1989.

ODUM, Eugene P.. **Fundamentos de Ecologia.** 6.a edição. 1988. Disponível em: <<https://ferdesigner.files.wordpress.com/2010/11/fundamentos-de-ecologia-odum.pdf>>

PEROVANO, Dalton Gean. **Manual de metodologia da pesquisa científica.** São Paulo. 2016.

PPP – Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Educação do Campo – Ciências da Natureza – UFRGS Litoral Norte, 2016, p. 7

RENTING, H.; MARSDEN, T. K.; BANKS, J. **Understanding alternative food networks: exploring the role of short food supply chains in rural development.** Environment and Planning.v.35, p.393-411, 2003.

SANTOS, Meri Elen Witt. **Cooperativismo Rural em Itati: modelo de gestão e desenvolvimento rural.** Santo Antônio, 2017. Acesso em: 4 de setembro de 2020. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/180232/001066729.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** São Paulo, 2010. P. 121 a 124.

SCHNEIDER, S.; GAZOLLA, M. **Os atores do desenvolvimento rural: perspectivas teóricas e práticas sociais.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

TORJUSEN, Hanne et al. Food system orientation and quality perception among consumers and producers of organic food in Hedmark County, Norway. **Food quality and preference**, v.12, n. 3, p. 207-216, 2001

WRIGHT, Simon; MCCREA, Diane (Ed.). **The handbook of organic and fair trade food marketing.** John Wiley & Sons, 2008.

7. APÊNDICE

CARTA DE APRESENTAÇÃO



LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
Autora: Huanza Pacheco de Aydos
Orientador: Prof. Dr. Jonas José Seminotti
2020/2

Carta de Apresentação

Por meio desta apresentamos a acadêmica Huanza Pacheco de Aydos, inscrita no cartão UFRGS de nº 00283265, CPF: 014.395.120-35, estudante do 8º semestre do Curso de Licenciatura em Educação do Campo: Ciências da Natureza, devidamente matriculada nesta Instituição de ensino, que está realizando sua pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso.

Agradecemos a colaboração dessa instituição para a realização desta atividade de pesquisa e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos adicionais.

O orientador responsável por esta pesquisa é o Prof. Dr. Jonas José Seminotti, do Departamento Interdisciplinar da UFRGS – CLN.

Prof. Dr. Jonas José Seminotti
Jonas.seminotti@ufrgs.com
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

TERMOS DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Bruno Engel, atual Presidente da COOMAFITT



LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO
 TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
 Autora: Huanza Pacheco de Aydos
 Orientador: Prof. Dr. Jonas José Seminotti
 2020/2

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Estamos realizando esta pesquisa com o seguinte objetivo:

Conhecer as práticas ecológicas da Coopertaiva Mista de Agricultores de Itati, Terra de Areia e Três Forquilhas

Para tanto, solicitamos autorização para realizar este estudo nesta instituição. A coleta de dados envolverá a aplicação de um questionário que deverá ser respondido individualmente por quatro colaboradores, agricultores e/ou dirigentes da Coomafitt.

Os participantes do estudo serão claramente informados de que sua contribuição é voluntária e pode ser interrompida a qualquer momento, sem nenhum prejuízo. A qualquer momento, tanto os participantes quanto os responsáveis pela Instituição poderão solicitar informações sobre os procedimentos ou outros assuntos relacionados a este estudo.

Este termo esclarece que as informações coletadas serão selecionadas e farão parte do texto elaborado para a pesquisa. Os entrevistados serão identificados com nome, idade e atual profissão.

Agradecemos a colaboração desta instituição para a realização da atividade de pesquisa e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos adicionais. A pesquisadora responsável por este trabalho é a aluna Huanza Pacheco de Aydos, inscrita no nº de matrícula: 00283265, sob a orientação do Prof. Dr. Jonas José Seminotti, do Departamento Interdisciplinar da UFRGS – CLN.

Jonas José Seminotti

Prof. Dr. Jonas José Seminotti (UFRGS)

À Instituição:

Concordamos que os colaboradores/agricultores/dirigentes, que auxiliam nos trabalhos desta instituição, participem do presente estudo.

Bruno Engel
 Atual Presidente da Instituição (COOMAFITT)

COOMAFITT
 Cooperativa Mista de Agricultores Familiares
 de Itati, Terra de Areia e Três Forquilhas
 CNPJ: 08.616.387/0001-17
 Estrada RS 486, Km 29, Nº 1343 - Itati, RS

Carimbo da Cooperativa:

13 / 10 / 2020

Micheli Jacoby, atual Vice-Presidente da COOMAFITT



LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
Autora: Huanza Pacheco de Aydos
Orientador: Prof. Dr. Jonas José Seminotti
2020/2

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Estamos realizando esta pesquisa com o seguinte objetivo:

Conhecer as práticas ecológicas da Cooperativa Mista de Agricultores de Itati, Terra de Areia e Três Forquilhas

Para tanto, solicitamos autorização para realizar este estudo nesta instituição. A coleta de dados envolverá a aplicação de um questionário que deverá ser respondido individualmente por quatro colaboradores, agricultores e/ou dirigentes da Coomafitt.

Os participantes do estudo serão claramente informados de que sua contribuição é voluntária e pode ser interrompida a qualquer momento, sem nenhum prejuízo. A qualquer momento, tanto os participantes quanto os responsáveis pela Instituição poderão solicitar informações sobre os procedimentos ou outros assuntos relacionados a este estudo.

Este termo esclarece que as informações coletadas serão selecionadas e farão parte do texto elaborado para a pesquisa. Os entrevistados serão identificados com nome, idade e atual profissão.

Agradecemos a colaboração desta instituição para a realização da atividade de pesquisa e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos adicionais. A pesquisadora responsável por este trabalho é a aluna Huanza Pacheco de Aydos, inscrita no nº de matrícula: 00283265, sob a orientação do Prof. Dr. Jonas José Seminotti, do Departamento Interdisciplinar da UFRGS – CLN.

Jonas José Seminotti

Prof. Dr. Jonas José Seminotti (UFRGS)

À Instituição:

Concordamos que os colaboradores/agricultores/dirigentes, que auxiliam nos trabalhos desta instituição, participem do presente estudo.

Barro
Atual Presidente da Instituição (COOMAFITT)

COOMAFITT
Cooperativa Mista de Agricultores Familiares
de Itati, Terra de Areia e Três Forquilhas
CNPJ: 08.616.387/0001-17
Estrada RS 486, Km 29, Nº 1343 - Itati RS

Micheli Bresolin Jacoby

Micheli Bresolin Jacoby (Atual Vice-Presidente COOMAFITT)

Carimbo da Cooperativa:

13,10,2020

Rodrigo Wolf, atual orientador de conversão para agroecologia



LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
Autora: Huanza Pacheco de Aydos
Orientador: Prof. Dr. Jonas José Seminotti
2020/2

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Estamos realizando esta pesquisa com o seguinte objetivo:

Conhecer as práticas ecológicas da Cooperativa Mista de Agricultores de Itati, Terra de Areia e Três Forquilhas

Para tanto, solicitamos autorização para realizar este estudo nesta instituição. A coleta de dados envolverá a aplicação de um questionário que deverá ser respondido individualmente por quatro colaboradores, agricultores e/ou dirigentes da Coomafitt.

Os participantes do estudo serão claramente informados de que sua contribuição é voluntária e pode ser interrompida a qualquer momento, sem nenhum prejuízo. A qualquer momento, tanto os participantes quanto os responsáveis pela Instituição poderão solicitar informações sobre os procedimentos ou outros assuntos relacionados a este estudo.

Este termo esclarece que as informações coletadas serão selecionadas e farão parte do texto elaborado para a pesquisa. Os entrevistados serão identificados com nome, idade e atual profissão.

Agradecemos a colaboração desta instituição para a realização da atividade de pesquisa e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos adicionais. A pesquisadora responsável por este trabalho é a aluna Huanza Pacheco de Aydos, inscrita no nº de matrícula: 00283265, sob a orientação do Prof. Dr. Jonas José Seminotti, do Departamento Interdisciplinar da UFRGS – CLN.

Jonas José Seminotti

Prof. Dr. Jonas José Seminotti (UFRGS)

À Instituição:

Concordamos que os colaboradores/agricultores/dirigentes, que auxiliam nos trabalhos desta instituição, participem do presente estudo.

Ermo [assinatura]
Atual Presidente da Instituição (COOMAFITT)
Cooperativa Mista de Agricultores Familiares
de Itati, Terra de Areia e Três Forquilhas
CNPJ: 08.616.387/0001-17
Estrada RS 486, Km 29, Nº 1343 - Itati RS

Rodrigo Wolf
Rodrigo Wolf (Agricultor colaborador)

Carimbo da Cooperativa:

13, 10, 2020

Sidnei Witt, atual Tesoureiro da COOMAFITT



LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
Autora: Huanza Pacheco de Aydos
Orientador: Prof. Dr. Jonas José Seminotti
2020/2

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Estamos realizando esta pesquisa com o seguinte objetivo:

Conhecer as práticas ecológicas da Coopertaiva Mista de Agricultores de Itati, Terra de Areia e Três Forquilhas

Para tanto, solicitamos autorização para realizar este estudo nesta instituição. A coleta de dados envolverá a aplicação de um questionário que deverá ser respondido individualmente por quatro colaboradores, agricultores e/ou dirigentes da Coomafitt.

Os participantes do estudo serão claramente informados de que sua contribuição é voluntária e pode ser interrompida a qualquer momento, sem nenhum prejuízo. A qualquer momento, tanto os participantes quanto os responsáveis pela Instituição poderão solicitar informações sobre os procedimentos ou outros assuntos relacionados a este estudo.

Este termo esclarece que as informações coletadas serão selecionadas e farão parte do texto elaborado para a pesquisa. Os entrevistados serão identificados com nome, idade e atual profissão.

Agradecemos a colaboração desta instituição para a realização da atividade de pesquisa e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos adicionais. A pesquisadora responsável por este trabalho é a aluna Huanza Pacheco de Aydos, inscrita no nº de matrícula: 00283265, sob a orientação do Prof. Dr. Jonas José Seminotti, do Departamento Interdisciplinar da UFRGS – CLN.

Jonas José Seminotti

Prof. Dr. Jonas José Seminotti (UFRGS)

À Instituição:

Concordamos que os colaboradores/agricultores/dirigentes, que auxiliam nos trabalhos desta instituição, participem do presente estudo.

Emo Pacheco de Aydos
Atual Presidente da Instituição (COOMAFITT)

Sidnei Justin Witt
Sidnei Justin Witt (Agricultor colaborador)

COOMAFITT
Cooperativa Mista de Agricultores Familiares
de Itati, Terra de Areia e Três Forquilhas
CNPJ: 08.616.387/0001-17
Estrada RS 486, Km 29, Nº 1343 - Itati RS

Carimbo da Cooperativa:

_____/_____/_____

Respostas do agricultor e atual Tesoureiro da COOMAFIT, Sidnei Witt:

1- A concepção de cooperativismo da Coomafit é de igualdade e preço justo ao associado e isso acontece devido ao grande número de sócios que participam das reuniões e que ajudam nas decisões de classificação dos produtos e também no preço.

2- Atualmente a cooperativa possui uma pessoa contratada para incentivar e acompanhar sócios que tem interesse em migrar para o cultivo orgânico além de praticar políticas de preço de incentivo ao produtos orgânico.

(b) (3) Assim como para o cultivo convencional são feitas reuniões de planejamento, para os orgânicos também, além de ter acesso a grupos de Whatsapp exclusivos onde podem expor semanalmente seus produtos disponíveis para comércio.

(4) A qualificação dos associados são feitas pelos certificadores de orgânico, onde cada pessoa recebe um treinamento e faz visitas de campo constantemente para se manter com o certificado atualizado.

(c) (5) Atualmente a Coomafit possui uma parceria com a Cresal que disponibiliza um engenheiro agrônomo um dia por semana para atender todos os associados mas com um conhecimento altamente voltado ao orgânico.

(6) Os produtos são muito variados, e contemplam frutas, verduras temperos e Chás.

(d) (7) A cooperativa trabalha também com delivery

onde comercializa estas exclusivas de produtos orgânicos e que são entregues no literalmente e comoas.

8) Em tempos de pandemia estamos trabalhando mais acima de Grupos de Whatsapp, mas antes fazíamos reuniões trimestrais ou semestrais para fazer um planejamento de cultivos.

9) A Coomafitt paga um percentual de 13% em cima do valor do produto convencional por bônus antes de o agricultor associado pegar o seu certificado.

10) Vejo a Coomafitt como uma potência socioeconômica e que tem grandes chances de aumentar o número de socios orgânicos.

11 e 12) Hoje a Coomafitt possui 270 socios em torno de 100 famílias e ussoas, 40 são orgânicos e possuem certificado tendo uma representatividade de 22% acima dos ~~100~~ famílias com produção convencional.

Questionário entregue aos agricultores e representantes responsáveis:

a) Entender a concepção de cooperativismo e de ecologia desenvolvidos pela COOMAFITT;

1 – Qual é a concepção de cooperativismo da COOMAFITT? Quais as formas de participação do associado?

2 – Qual é a concepção de ecologia desenvolvida pela COOMAFITT?

b) Compreender como é o trabalho de formação e qualificação sobre ecologia juntos aos associados;

3 – De que forma a COOMAFITT desenvolve os princípios do cooperativismo junto aos associados?

4 – Como acontece a qualificação dos associados para a ecologia? Há cursos, assistência técnica, visitas de campo, outras formas?

c) Identificar como é o trabalho da(de) assistência técnica (às práticas ecológicas quanto a produção) e as atividades produzidas;

5 – Há assistência técnica aos associados para a produção orgânica? Como ocorre?

6 – Que produtos orgânicos são cultivados pelos associados?

d) Conhecer o processo de comercialização de alimentos orgânicos;

7 – Há mercado para os produtos orgânicos? Quais são os locais de venda? Como são os preços em relação aos produtos convencionais?

8 – Como é a organização dos associados para a comercialização?

e) As políticas públicas agroecológicas trabalhadas pela COOMAFITT;

9 – Quais são as políticas públicas acessadas pelos associados para a produção orgânica?

Questões gerais:

10 – Como você vê a COOMAFITT daqui há 20 anos? De que forma pensam no longo prazo a questão orgânica?

11 – Quantos associados pertencem hoje a COOMAFITT?

12 – Destes, quantos tem plantações, iniciativas orgânicas?

Figura 7: Agricultores da Família Justin



Fonte: Arquivo Coomafitt

Figura 8: Agricultores da Família Witt



Fonte: Arquivo Coomafitt

Figura 9: Agricultoras e agricultores da Família Jacoby



Fonte: Arquivo Coomafitt